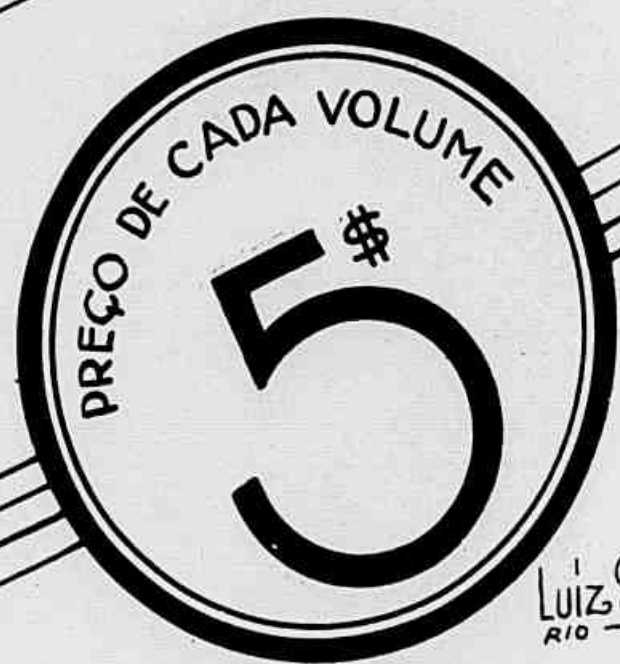
ANNO IX N. 389
RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1934
Preço para todo o Brasil 2$000

4
THESOUROS PARA
A INFANCIA.
LIVROS PRIMOROSOS PARA AS
CREANÇAS
PAPAE
de Joracy Camargo
Vovó d'O Tico-Tico
de Carlos Manhães
HISTORIAS DE
PAE JOÃO
de Oswaldo Orico
PANDARECO,
PARACHOQUE
E VIRALATA
de Max Yantok
LIVROS
DE
RECREIO,
DE
CULTURA.
LIVROS
QUE
TODAS
AS
CREANÇAS
DEVEM
LER.
ESTÃO A VENDA
NAS LIVRARIAS DE
TODO O BRASIL
PEDIDOS Á
BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
TRAVESSA DO OUVIDOR 34-RIO DE JANEIRO
PREÇO DE CADA VOLUME
5$
Luiz Sá
RIO — 34

Pergunte-me outra

RITINHA (S. Paulo) — David: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. Raul: Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. Dick: Warner-First National-Studios, Burbank, Cal. Margaret: Universal City, Cal.

MAGALI (Rio) — Não me esqueci e estou contente com a sua volta... Porque não tem havido movimento de producção aqui no Rio e nos Estados nada temos recebido. Mas tudo voltará... Não acha que somos suspeitos, para falar? Não se fala mais nellas, porque todas as citadas deixaram o Cinema. Não sei porque ella tambem o deixou. Não. Eu comprehendo bem o seu interesse sincero. E sou seu amiguinho, "Magali". Escrevo outra carta, depressa...

VIOLETA (Rio) — M. G. M.-Studios, Culver City, Cal. Infelizmente não tenho tempo para folhear a collecção e ver o numero que lhe interessa. Mas é bem provavel que lhe mande uma photographia, se escrever-lhe pedindo... Desculpe, minha filha, mas o elemento tempo anda tão precioso. Pergunte outras... para ter a certeza de que não estou usando de má vontade...

ANTIOPE (Rio) — Elissa: Columbia-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal. Fredric: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. Vou dizer ao Gilberto que a amiguinha pede-

lhe para entrevistal-os... e póde ter certeza de que opportunamente lerá essas entrevistas. Publicarei quando tiver um retrato bom. Porque não temos recebido photographias. Fredric e Elissa, aliás, são dos meus predilectos e "Cinearte" tem publicado muita cousa sobre Elissa. Se é nossa leitora assidua, deve lembrar-se de que fomos dos primeiros a apresental-a aos "fans" do Brasil... Não ha de que. Póde perguntar outras... perguntas. O prazer será meu.

LEITORAS ASSIDUAS (Rio) — Quando receber novas photographias. Aquella já não tem actualidade. Não sabia que o Dennis King tinha ficado tão popular.

DANTE G. GHIARONI (Parahyba do Sul) — Interessante como sempre a sua carta. Ambas são esplendidas artistas. Lembro-me sim. Talvez seja refilmado um dia. Não é verdade. Até logo!

HUMBERTO CALIXTO (Parahyba do Sul) — Já respondi ao meu amigo acima: ambas são admiraveis. Não sei. Os productores não escrevem... Continue escrevendo; gosto das suas cartas.

Greta Garbo (á esquerda), ainda Greta Gustafsson, na Suecia, em 1921, quando empregada numa casa de chapéos.

AS CLAUSULAS QUE MUSSOLINI IMPOZ ÁS EMPRESAS CINEMATOGRAPHICAS ESTRANGEIRAS

De um telegramma de Roma, publicado nos jornaes: — Os protestos feitos recentemente pelos representantes das empresas cinematographicas americanas e por um agente da organização Hays contra a nova lei italiana sobre as industrias do cinema, não parece terem surtido muito resultado.

A lei em questão, que cria uma série de restricções á industria estrangeira em beneficio da producção italiana, acaba de ser approvada na Camara dos Deputados e muito brevemente entrará em vigor. As objecções levantadas contra a nova lei attingem principalmente aos seguintes pontos: primeiro, o que impõe a obrigação de serem todos os films estrangeiros titulados na Italia; segundo, o que impõe a taxa de 25 mil liras sobre cada pellicula titulada; terceiro, o que manda dividir entre os productores de films italianos o producto do imposto lançado sobre as pelliculas estrangeiras.

A nova lei tambem concede aos productores de cada film feito na Italia o direito de dar titulo a tres fitas estrangeiras livre de imposto e finalmente institue, ou, antes, augmenta a quota das pelliculas italianas, que devem ser agora exhibidas na proporção de uma nacional para tres estrangeiras.

Isto equivale a prohibir a entrada de films estrangeiros.

No Brasil, não ha a menor restricção as producções estrangeiras e nada se fez de pratico pela producção brasileira. Entretanto, emquanto nem os nossos jornaes encontram facil collocação, os exhibidores são em geral obrigados pelos importadores a exhibir os jornaes estrangeiros...

AMY SWEET (Maceió) — Terei muito prazer em conhecer esta lourinha de olhos morenos, que ama tanto o meu amigo Cary... Parabens. Tambem acho que deve ser a creatura amavel que você imagina... é por isso que gosto tanto dos artistas de Cinema. Enganou-se no meu typo...

KISS WHITE (Maceió) — E' muito boa amiguinha. Fez a apresentação e já recebi a primeira cartinha della. Porque vocês não tiram uma photographia juntas para o Operador conhecel-as e publicar no "Cinearte"?... Gosto de você e de Amy, porque tem sido constantes e amiguinhas, quando tanta gente fugiu da... minha mesa... Desejo que terminem o curso com satisfação. Talvez realizem o desejo, algum dia. Quem espera, sempre alcança... Parabens pelos retratos recebidos. Obrigado. Não é cacete, não. E' preciso que o diga? Vou ver se aproveito a caricatura.

RED KISS (Maceió) — How Do You Do?... "Cinearte" dá sempre noticias delle. Tanto melhor: eu sou muito calado — assim a amiguinha me fará conversar mais... Claudette é uma das minhas predilectas. Ainda agora, no Film "Vozes do coração", revelou outra faceta da sua arte sincera e tão agradavel. Tambem gostava mas hoje elles estão retirados do Cinema. Cary: Paramount-Studios, Marathon Street, Hol-

lywood, Cal. Os outros detalhes não sei. Volte de novo "Red Kiss"!

NICK CARTER (Rio) — "Little Women" já foi Filmado, em 1919, pela Paramount. Nos papeis de Katharine Hepburn, Frances Dee, Jean Parker e Joan Bennete trabalhavam: Isabel Lanion, Florence Linn, Dorothy Bernard e Lillian Hall. O titulo brasileiro foi "Quatro irmãs".

LUCIANO (Pelotas) — Sim o convite ainda está em vigor. Trinta mil réis por cada collaboração. Envie pelo correio. Se for acceita, remetteremos a importancia. Uma cousa porém, exigimos: cousas originaes, interessantes, etc. Eu sei que o amigo é um grande "fan" europeu... O meu secretario já falou-me varias vezes que o admira bastante.

FIUSA LEI (Bahia) — Dos endereços, eu só sei informar o de Thelma Todd: M. G. M.-Studios, Culver City, Cal. Entreguei ao Dr. Cabuhy.

MAX BAER (Rio) — 1° — Aqui vae o pedido para o Gilberto o entrevistar Max Baer... Quanto ao retrato não posso satisfazer o seu pedido. Escreva a Max, pedindo: M. G. M.-Studios, Culver City, Cal. 2° — Bom. 3° — Não sei. 4° — Usa. 5° — Obrigado.

Psychanalyse de uma Epoca
A TRAGICA
Por DE MATTOS PINTO
Seja uma mulher do seu tempo
Um vestido elegante e bem feito tem uma grande força de seducção feminina. Mas o encanto da mulher reside, principalmente, em um espirito illustrado. E isso só se obtem, cultivando a intelligencia, pelas boas leituras. Sem fatigar-se, divertindo-se, V. Excia. póde instruir-se, conhecendo os melhores autores contemporaneos, assenhoreando-se das novidades mais palpitantes do seu tempo, admirando os aspectos mais pittorescos e as cidades mais adeantadas do Brasil — tudo isso só com a leitura semanal d'O MALHO.
O mais bem escripto.
O mais bem illustrado.
O mais interessante.
O mais completo dos "magazines" cariocas.
Além de illustrar a sua intelligencia e recrear o seu espirito com uma leitura esplendida, original e sadia, V. Excia. encontrará n'O MALHO, todas as semanas, ensinamentos de grande utilidade para as donas de casa, e no supplemento de modas — SENHORA — que é, tambem, um verdadeiro manual de elegancia feminina, sempre novo, moderno e bem informado.
As nossas intellectuaes lêem e recommendam a leitura d'O MALHO.
Peça-o a seu jornaleiro. Todas as quinta-feiras. Custa, apenas, 1$200.
O Malho

CINEMA EDUCATIVO — These apresentada no V Congresso de Educação —Pelo professor **Francisco Venancio Filho.**

"O Film educativo no ensino da chorographia nacional".

Parece questão pacifica a utilidade do Cinema como factor geral de educação particularmente no ensino escolar.

Entretanto após louvores sem conta, têm surgido recentemente criticas e restricções, de certo uteis porque permittem chegar a um regimen de equilibrio, no qual os exaggeros sejam contidos e as correcções e deficiencias claramente apontadas.

Em artigo recente, publicado em "L'Éducation", Dr. H. Fay escreve palavras severas, algumas justas, todas uteis.

Revive todas as accusações que têm sido feitas ao Cinema; a visão Cinematographica evita o esforco da intelligencia; oblitera a percepção pela fascinação que exerce, é espectaculo para illetrados, torna a realidade dispersa e fraca pela concentração que obtem da realidade, falseando a noção de tempo; enfraquece a capacidade de abstracção, abaixando o nivel intellectual.

Deste libello, conclue o autor, é muito pequeno o papel do Cinema na educação.

Poder-se-ia lamentar, acceitando todas as accusações feitas, a incapacidade do homem para aproveitar um grande, um poderoso, um formidavel factor de educação, de conhecimentos, de cultura, que a despeito de tudo conta cerca de 130.000 salas pelo mundo inteiro e dá cultura, conhecimentos, educação, a despeito de tudo... Sobretudo civiliza. Approxima. Humaniza.

Mas, as accusações são fracas, porque provam demais. No mundo moderno em que o homem tem de accelerar o seu apparelhamento para viver a vida aspera e forte do seu tempo, quanto mais faceis forem os meios de adquirir a massa crescente de noções e informações, melhor. Se economiza o esforço da intelligencia, melhor ainda. Se além disso tem a força da fascinação que exerce, ainda melhor. Se instrue sem letras, completa e educa com mais vigor. Quanto ao mais é justo que se fixe bem o que se quer, conforme os objectivos.

O Cinema educa sempre. Educa o grande publico a toda hora e no mundo inteiro.

Mas, é claro que o Cinema escolar tem de se ajustar a normas precisas.

A critica do Dr. H. Fay a alguns Films, industriaes, que só logram dar uma visão confusa das cousas, é justa e só prova o desvio em que têm incorrido os que fazem Films, desadaptados, como tantos, tantissimos livros que excitam por ai além.

E' preciso que o Film destinado especialmente ao ensino, á escola seja o resultado da collaboração intima, harmonica de tres elementos: o Cinema arte, isto é o educador, isto é o que conhece os preceitos da psychologia da criança, e o especialista que sabe o que importa ensinar ou destacar.

Mas o que acontece em geral é que o Film escolar é aproveitamento de cousas feitas com outro destino. E quando são encommendadas a pellicula paciente retem tudo que passa diante della, passivamente, sem qualquer proposito de interessar a criança. Emquanto que um Film commum exige uma technica complexa, de rithmo, de luz, de imaginação, aquelle, muito mais delicado, destinado á infancia é resultado de geração espontanea. Por isto, ahi o Dr. Fay tem razão.

Fazer os bons Films é a medida urgente que se impõe.

E' preciso accentuar ainda que o Cinema não vem occupar a escola. Elle é auxiliar precioso indispensavel em determinados casos.

Na technica moderna da educação em que a criança deve ser posta em contacto com a realidade mesma, toda vez que a natureza não puder estar diante della recorre-se aos meios artificiaes, para trazel-a ao alumno, desde que elle não póde ir até lá.

Dahi esta conclusão fundamental.

De um modo geral o dominio proprio do Cinema na escola é o da geographia e das sciencias naturaes.

Por occasião da Primeira Exposição de Cinematographia Educativa realizada em 1930, por iniciativa da Directoria Geral de Instrucção Publica do Districto Federal, então nas mãos de Fernando de Azevedo, Jonathas Serrano que a promoveu e realizou pronunciou as seguintes palavras: "Imagine-se um curso official de chorographia do Brasil, completo em 20 ou 22 pelliculas methodizadas, obra de conjuncto de cineastas pedagogos sob o alto patrocinio do Governo Federal, Estadual e Municipal, percorrendo as escolas todas do Brasil, ensinando brasilidade, na grande eloquencia das bellezas naturaes".

Seria um Elisée Reclus ajustado ao nosso tempo.

Esse curso tem possibilidades reaes de facil execução, dentro do espirito de collaboração apresentado pelo eminente educador.

Cada Estado organizaria o seu Film, synthetico, apresentando, dentro dos preceitos fundamentaes da arte Cinematographica, tudo o que fosse essencial ao conhecimento da terra e da gente de cada região. O Governo Federal faria os Films geraes, de limites, condições climatericas, flora, fauna, raça, cultura...

Os negativos seriam recolhidos á Filmoteca do Museu Nacional.

A contribuição financeira de cada Estado seria para custear o numero de copias do seu proprio Film, para troca com os dos demais, arbitrando um preço modico para as excedentes.

De accordo com o voto da quinta conferencia de Educação de Nitheroy, a União, suppletivamente, accudiria aos Estados de menores recursos. Os programmas escolares seriam distribuidos e planejados por um systema de permutação que permittisse a circulação de todos os Films por todas as escolas, reduzindo deste modo o numero delles.

Os films seriam submettidos á approvação de uma commissão central, afim de lhes dar unidade e harmonia na concepção e na realização.

Do exposto decorrem as conclusões seguintes:

1° — A VI Conferencia Nacional de Educação submette aos representantes dos Estados o plano da organização de um "Curso de Corographia brasileira", por meio de films a serem apresentados aos respectivos governos afim de constituir objecto de um convenio na VII Conferencia.

2° — A cada Estado importara a obrigação de organizar o film da sua região fornecendo por troca com os demais as copias respectivas.

3° — A União organizará os films de caracter geral e nomeará pelo Ministerio de Educação e Saude Publica uma commissão que approvará o programma e a execução.

4° — O curso constará inicialmente, de 30 films assim distribuidos:

b) — 22 films correspondentes a cada um dos Estados da Federação, territorio do Acre e Districto Federal, abrangendo os aspectos geraes da região, feitos por collaboração de cineastas, educador e geographo.

b) — 8 de assumptos geraes littoral e fronteiras (12), clima, rede hydrographica, systema orographico, flora, fauna, gente.

5° — Cada film terá cerca de 200 metros, em bitola normal.

6° — Os films deverão ser de bitola universal para as filmotecas centraes, reduzidos a 16 mm. (Kodak para as filmotecas circulantes).

7° — A União fornecerá em troca dos films estaduaes os films geraes enviando um curso completo ao Instituto Internacional de Cinematographia Educativa de Roma patrocinado pela Sociedade das Nações.

No momento actual da nacionalidade brasileira, este curso será entre os factores centrifugos das unidades que a compõe aquillo que Roquette Pinto chamou graciosamente, um dia, "Laços de Fita"... F. V. F.

Gretl Theimer e Kathe Von Nagy em "Einmal eine grosse Dame sein". Em baixo: Claude May, José Sergy, Simone Heliard, Kathe, Jean Pierre e Jacqueline Daix em "Un jour viendra", ambos Films da Ufa.

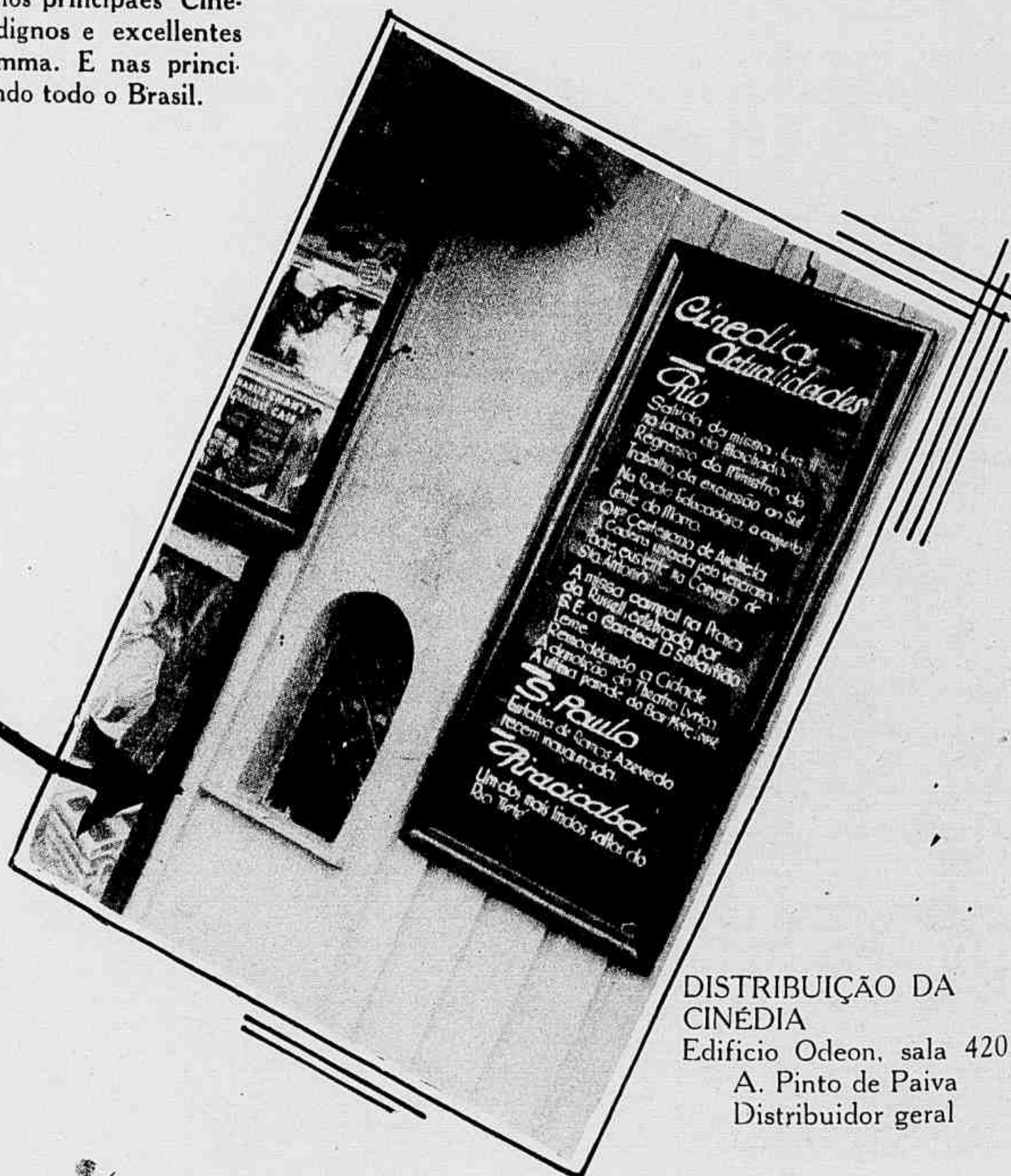
Irene Dunne e John Bobes vão recordar a "Esquina do Peccado", voltando a trabalhar juntos em "Age of Innocence", da RKO.

Logo que termine o seu trabalho na "Viuva Alegre", Jeanette Mac Donald trabalhará em "Naughty Marietta", tambem da Metro-Goldwyn-Mayer.

CINEDIA ACTUALIDADES estreiam na CINELANDIA!

Cinédia Actualidades é sonoro e falado. E' o unico jornal brasileiro que se apresenta com regularidade.

Noticias de todo o Brasil. Para isso, a Cinédia está espalhando reporters por todo o paiz.

Estreiam na Cinelandia, nos principaes Cinemas do Rio, porque são dignos e excellentes complementos de programma. E nas principaes casas, estão correndo todo o Brasil.

"A Nação", assim se manifestou sobre o numero 6 de Cinédia Actualidades: "Ahi está, esta semana, no Broadway, um jornal de Cinédia, excellente, rivalizando, senão supplantando em interesse as platéas brasileiras, muitos daquelles "news" feitos especialmente para o Brasil com falatorio em idioma estrangeiro e propaganda monotona de toda parte do mundo, menos do Brasil"...

DISTRIBUIÇÃO DA CINÉDIA
Edificio Odeon, sala 420
A. Pinto de Paiva
Distribuidor geral

De um jornal de Maceió:

GANGA BRUTA é, realmente, o primeiro Film brasileiro que pode ser visto por quem não vae ao Cinema apenas para conhecer o enredo ou apreciar a extensão dos beijos.

Sou dos que não têm absolutamente nenhuma fé na industria Cinematographica nacional começando por achal-a superflua.

Mas **Ganga Bruta**, ao contrario das outras producções que tenho visto, já offerece alguma coisa de recommendavel para a industria do celluloide. Muitas falhas ainda. Mas agrada em conjunto e possue uns detalhes igualmente apreciaveis

Quanto ao aspecto photographico, não se poderia desejar coisa muito superior num Film que não tem talvez uma scena siquer produzida em Studio.

O pessoal portou-se muito bem, sem preoccupações com a camera. A pequena, principalmente, que faz a Sonia merece uma promoção da Cinédia para Hollywood. — **Jack.**

* * *

A Cinédia iniciou a confecção de uma serie de Films educativos.

* * *

CINEMA BRASILEIRO

Acha-se no Rio Luiz Girardi galã do Film alagoano "Casamento é negocio?"

* * *

A Associação Cinematographica de Productores Brasileiros voltou a realizar as suas sessões com regularidade e varios assumptos importantes em prol da industria Cinematographica estão sendo resolvidos.

* * *

Durval Belline, o protagonista de "Ganga Bruta" vae casar no dia 2 de Maio mas não pretende abandonar a tela...

Dustan Maciel, o conhecido artista do Cinema Pernambucano, trabalhou em varias peças do "Grupo Gente Nova", representadas no Theatro Carlos Gomes, de Natal e Santa Izabel, de Recife.

* * *

A Missa Campal na praia do Russell celebrada por S. E. o Cardeal D. Sebastião Leme foi o assumpto de mais successo do jornal numero 6 da Cinedia.

* * *

Lilian Bond vae ser a heroina do Coronel Tim Mc Coy em "Highway Patrol" da Columbia.

* * *

A Metro vae Filmar a celebre peça theatral "Barretts of Wimpole Street", com Norma Shearer e Charles Laughton. Sidney Franklin dirigirá. Como se sabe foi um successo no palco de Katherine Cornell e Brian Aherne.

* * *

Ann Harding e Robert Montgomery voltam a trabalhar juntos em **Biography of a Bachelor**, da M. G. M.

Gaspar Britis e João Otero são duas figuras do Film de Amadores "Boxeur por Amor", da A. B. C.

Jonas Santos, no papel de enviado de Taú e Milton Marinho numa scena de "Anguêra" da Lux-Film de Matto Grosso. No modelo, tambem Milton Marinho. Estas scenas, entretanto, já foram refilmadas porque Milton Marinho foi excluido do elenco. A falta de legislação sobre contractos de artistas Cinematographicos no Brasil muitos prejuizos tem causado, ao nosso Cinema.

O "bamba da zona"... Wallace Beery vae trabalhar novamente ao lado de Jackie Cooper em "Treasure Island", da M. G. M.

* * *

E' este o elenco do ultimo Film de Frank Borzage — "No Greater Glory" — para a Columbia: George Breakston, Jimmy Butler, Jackie Searl, Frankie Darro (o prefeito do inferno...), Donald Haines, Ralf Ernest, Julius Molnar (parente do autor do argumento?) Wesley Giraud, Beaudine Anderson, Bruce Line, Samuel Hinds, Christian Rub, Ralph Morgan, Lois Wilson. Mas... é um Film de Borzage. Elle sabe o que faz...

Dr. Mario Magalhães, director do "Diario da Noite", e Celestino Silveira da "Nação" visitaram os Studios da Cinédia.

Lew Cody, Phillips Holmes, Helen Mack, Zasu Pitts e Ned Sparks, são os principaes em "Private Scandal", da Paramount.

* * *

Vamos ver Boris Karloff e Bela Lugosi trabalhando juntos! A Universal vae reunil-os em **Suicide club** e **Return of Frankenstein.**

A Palavra dos Comicos sobre a Crise Cinematographica

Harold Lloyd

SEGUNDO se deprehende da leitura de publicações especializadas, a industria dos Films atravessa, actualmente, na America, uma phase bastante critica. Os Cinemas vivem ás moscas e o augmento sempre crescente de prejuizos affecta seriamente o vasto e complexo negocio da producção Cinematographica. Os productores appellam desesperadamente para os "elencos de estrellas", lançam mão de todos os recursos da publicidade bombastica, mas o publico passa, indifferente. Certo, não falta visão a Hollywood, nem intelligencia creadora capaz de produzir obras de valor. A industria, porém, vê-se a braços com uma situação sem exemplo na historia. Que causas concorrem, então, para semelhante estado de coisas?

Harold Lloyd, Walt Disney, Stan Laurel, Oliver Hardy e Jimmy Durante, cinco artistas comicos de grande popularidade, apontam os defeitos da industria, ao mesmo tempo que indicam as soluções destinadas a remediar os males do momento:

Acabe-se, antes de mais nada, com o systema de se produzir determinado numero de Films, durante determinado periodo. A obrigação de se fazer sempre os taes "Films de linha" dá em resultado a escolha apressada de argumentos, mal adaptados e peor transportados para o celluloide.

Antes de apresentados ao publico, depurem-se os Films das suas imperfeições, por meio de successivas "previews" perante platéas "tipycas".

Empreguem-se todos os esforços no sentido de fazer reviver entre o publico o habito de ir semanalmente ao Cinema.

Produzam-se menos Films "sensacionaes" e dê-se especial attenção ao fabrico de pelliculas apropriadas para as creanças.

Restabeleça-se o Film como diversão principal, em vez de o deixar servir de complemento a espectaculos de variedades.

Especializem-se os Studios em determinados typos de pelliculas.

Acabe-se com o actual systema de obrigar os exhibidores a comprar os Films que prestam e os que não prestam.

E, finalmente, os annuncios deviam ser menos mentirosos, para que o publico não perdesse a confiança na palavra dos emprezarios. A adjectivação demasiada é um erro. Sentindo-se enganado, o publico acaba por não ir ver os Films que realmente merecem ser vistos.

— Não se podem produzir Films como quem fabrica linguiça! exclama Harold Lloyd, o artista que, pela excellencia e comicidade das suas comedias, desfructa de invejavel posição entre os seus pares.

"A unica desculpa para se fazer um Film é fazer um bom Film! Admira que os Studios tenham a coragem de annunciar: "Faremos este anno cincoenta e dois Films excellentes"! Como é possivel fazer todos os annos cincoenta e dois Films excellentes? Eu não acredito e, na minha opinião, só se devia dar inicio a uma pellicula, depois de escolhido materialmente e de afastadas todas as possibilidades de se produzir obra mediocre. O publico não se interessa pela quantidade; quer saber apenas de qualidade.

"Os Films bons pagam grandes dividendos. Ficam no cartaz muito tempo, são exhibidos em "reprise". "Loura para tres", por exemplo. Alcançou um exito extraordinario, teve innumeras "reprises". E por que? Tinha "qualidade". O argumento era bom e foi admiravelmente adaptado. Financeiramente, o Film marcou epoca na historia do Cinema.

"O systema que, arbitrariamente, se impõe aos exhibidores, não pode deixar de prejudicar a exploração de muitos Films. Custa a crer que o gerente dum Cinema se veja obrigado a retirar do cartaz um Film que está dando dinheiro, só porque o "booking system" lhe exige que, em tal dia, comece a exhibir outro. Muito mais logico seria que as pelliculas realmente boas se conservassem em exhibição durante todo o tempo em que attrahissem publico. Os Films desinteressantes passariam apenas alguns dias. Desse modo, temendo prejuisos, ninguem se atreveria a fazer pelliculas simplesmente para encher linguiça.

"Antigamente, quando os Films se vendiam apenas pelo seu merito artistico, não havia nenhuma garantia de que os productores arranjassem collocação para as obras mediocres. Hoje, graças ao tal systema "cobertor", não ha pinoia que não tenha a sua programmação assegurada.

Walt Disney

"Ha annos, os habitantes dum bairro viam os Films de accordo com o criterio do gerente do Cinema local. Só delle dependiam e iam ao Cinema todas as semanas. Alguns programmas eram excellentes, outros não tanto, mas os frequentadores sabiam que o gerente lhes zelava pelos interesses. Quando o homemzinho lhes recommenda va pessoalmente um Film, é porque esse Film era de facto magnifico. As familias aguardavam, ansiosas, o dia de "ir ao Cinema". Hoje, não havendo livre concorrencia, o exhibidor não pode comprar o que quer. E' obrigado a apresentar do bom e do mau. O prestigio e a confiança de que antigamente gosava entre o publico desappareceram por completo. Ao mesmo tempo, acabou tambem o velho habito de se ir ao Cinema todas as semanas. E' necessario restabelecel-o, coisa que só se conseguirá mediante a producção de Films bons.

Jimmy Durante.

"Os empresarios deviam comprehender o absurdo e a estupidez de se onerar os Films bem feitos com o contrapeso das obras inferiores, produzidas pelo mesmo Studio. O publico que vê hoje uma pellicula mediocre, na semana que vem não irá ao Cinema, nem mesmo que esteja no cartaz o melhor Film do mundo.

"O melhor meio de se descobrirem num Film as scenas fracas e as situações falsas é submettel-o a successivas "previews", até expurgal-o de todos os defeitos, por meio de cortes e retoques. Isso não significa, porém, que apresentemos a obra a uma platéa de super-criticos, exigentes de mais, nem a amigos ou collaboradores, sempre dispostos a achar tudo muito bom. O unico caminho para se saber dos meritos duma pellicula é dal-a em "preview" a uma platéa "representativa", dessas que, diante duma scena bem feita não escondem o seu enthusiasmo e que, nas situações realmente comicas, batem palmas e riem a bandeiras despregadas.

"Uma vez, fiz nada menos de oito "previews" dum Film meu. Não é raro, depois de acabar uma comedia, trabalhar ainda por espaço dum mez, a corrigir falhas e senões. "O calouro" e "O predilecto da avósinha" foram Films de grande successo, mas, antes de apresentados ao grande publico, passaram por muitissimas modificações.

"Quando o espectador se dirige para um Cinema vae com a idéa de assistir a um Film e não a numeros de variedades. Antigamente, o Film era a attracção principal do espectaculo e ainda voltará a sel-o, desde o momento que a producção melhore. Sou muito generoso em dizer que metade dos Films que actualmente se exhibem não vale nada. E o publico, hoje em dia, disposto a não se deixar roubar, não vae ver espectaculos que não prestam.

"Em summa, os males que affectam o Cinema não têm raizes muito profundas. Tudo se resume no seguinte: os mandões de Hollywood, descobrindo alguns pequenos defeitos e, no esforço de remedial-os, foram longe demais, subvertendo principios basicos da industria. E' a mesma historia do "keeper", que se ajoelha para amarrar as chuteiras, emquanto as bolas entram".

Walt Disney, o imaginoso caricaturista, que fez dum camondongo uma figura internacional e a quem a Academy premiou pelo muito que o Cinema lhe deve, entrevistado declarou que ha falta de originalidade entre os que fazem Films.

"Um productor, por exemplo, tem uma idéa boa. Immediatamente, todos os outros se aproveitam della, com pequenas variações, que não chegam a disfarçar o plagio. Não ha cuidado, não ha nenhum escrupulo na imitação, e o resultado é que o publico começa a dizer que todos os Films são iguaes. Ver um é ver mil. Dahi o retrahimento, a crise. Ha muitos homens na industria que, em vez de engrandecel-a, a compromettem. Não têm visão. Só pensam no dollar do presente, com sacrificio do futuro.

"O publico está farto de dramas. Quer rir, quer ir ao Cinema para esquecer momentaneamente as agruras da luta pela vida. Os Cinemas estão meio vasios? Exhibam comedias, as comedias para as quaes a industria ultimamente tem sido verdadeira madrasta.

Stan e Oliver...

"As creanças são grandes frequentadoras de Cinema e, no emtanto, os empresarios nunca lhes ligaram a devida

(Termina no fim do numero)

Roulien em "The World Moves On" da Fox

Esta scena do hospital de sangue está sendo commentada...

Em baixo, Marquise Markley, K. F. Morgan, Condessa Carlisle, Madeleine Carroll, A. P. Hill, scientista inglez e Raul, no "Set" de "The World Moves On"

Reginald Denny, Madeleine Carroll e Raul.

Franchot Tone, Raul e Frank Newton.

A TELA EM

O ultimo chá do General Yen — Bom.

O acaso é tudo — Regular.

A Juventude manda — Muito Bom.

A tortura da fé — Regular.

Vozes do coração — Bom.

O ULTIMO CHÁ DO GENERAL YEN (Bitter Tea of General Yen) — Columbia — Producção de 1933 — Imperio.

Durante muito tempo mysterio foi synonymo de chinez. Quando se queria fazer um film terrivel, cheio de lances de crueldade, de drogas desconhecidas, de cynismo feroz, compunha-se uma coisa passada no Oriente ou mesmo ali em "Chinatown".

Na literatura tivemos a praga das biographias e das vidas romanceadas. O assumpto — guerra no Oriente — entre japonezes e chinezes — está dando o que fazer.

Sternberg tratou o assumpto com fina ironia e mão segura em "Shanghai Express". "O Ultimo Chá" é uma producção parallela, o que não quer dizer do mesmo valor.

Entretanto, tem magnificas movimentações de massas, os combates entre facções politicas, sempre cheios de verdade.

E' sempre necessario ter preesnte o pesadello da China, esse peso morto da humanidade. O Cinema demonstra-o com a brutalidade de um facto.

Desprende-se tambem do film aquelle estado de espirito das gentes que têm sempre a morte no encalço. Aquelle desanimo, a q u e l l e pessimismo cansado, aquella apathia, aquella busca de prazeres adormecedores de todas as energias.

Esse estado de espirito tão caracteristico do após-guerra, cá do nosso lado, é o estado de espirito permanente do chinez.

Shanghai é um vulcão. A vida ahi vale menos do que em Chicago.

O General Yen é um expoente desse modo de viver. Producto de uma civilização velhissima, que já conheceu todas as luxurias — arte, amor, riquezas — esse "blasé" parece fazer da guerra um sport.

O assumpto é simples. O General Yen apodera-se de uma legitima "Yankee", aproveitando-se de um pretexto qualquer. Carrega-a para o seu sumptuoso palacio e faz tudo para conquistal-a. Mas em vão. O choque das duas civilizações é terrivel. Yen é derrotado no amor e nas armas e serenamente, displicentemente, deixa a vida como uma serpente deixa a casca, bebendo a morte numa chicara de chá.

E' um bom film, dirigido com habilidade, por Frank Capra, e que quando outro valor não tivesse, teria pelo menos o de satisfazer a nossa ansia sempre inexhaurivel de exotismo, de ver caras estranhas, gente differente, ambientes diversos do nosso.

Nils Asther não convence lá muito bem no seu general chinez. Barbara Stanwick é uma figura do Occidente que refulge pouco nos salões de "Yen".

O ministro de "Yen" no film é um americano trahidor, que no final mostra que ainda possue cem por cento de "Yankee"...

Cotação: — BOM.

O ACASO E' TUDO (The Masquerader) — United Artists — Producção de 1933 — Gloria.

O emprego do mesmo artista em papel duplo é um artificio que já não tem mais razão de ser no moderno Cinema. Essas exhibições de virtuosidade serviram para embasbacar os primeiros fans dos salões de Cinema. Hoje ninguem mais se interessa por essas habilidades que tiram toda a naturalidade, criam a inverosimilhança e tornam o film um emmaranhado de absurdos.

E' esse mais ou menos o caso de "O acaso é tudo", que corre sob a responsabilidade de Richard Wallace.

Não é um film rejeitavel. Tem até muitas scenas com certa dóse de emoções humanas. Offerece ainda algumas sequencias com lances engraçados. Tanto mais que Ronald Colman e Elissa Landi emprestam grande realce aos seus papeis.

Ronald faz ao mesmo tempo um homem viciado nos entorpecentes e um desconhecido que toma o seu logar. Elissa é a complicação feminina. E o parlamento inglez o "background".

Elissa como sempre linda, amorosa, delicada, languida.

Ha algumas observações justas na producção. Costumes inglezes, já conhecidos, mas em todo o caso bem apresentado. E só.

"O acaso é tudo" é um film apenas passavel.

Cotação: — REGULAR.

A JUVENTUDE MANDA (This Day and Age) — Paramount — Producção de 1933 — Odeon.

Um film differente de Cecil B. De Mille. Não tem banheiros, não é de "sex", nem é um dos seus costumados sermões religiosos,só tem um beijo... e Pawerell Marley volta a ser o operador do grande mestre...

Desta vez elle é o idealista da mocidade, da qual depende o futuro, e aproveita os "gangsters" para mostrar, em côres vivas, que a juventude manda... quando ella quer.

"A juventude manda" é um bom film, com esplendidas observações, um pouco de romance, ironia, emoção e convencionalismo, que se desculpa porque De Mille lança mão delle para armar lindas situações e a parte emocionante do final.

De Mille fez um film de "gangsters" mostrando muito bem a covardia dos mesmos e resuscitou a velha situação da heroina trancada no quarto com o villão, de maneira differente mostrando um interessante conflicto entre "Toledo" e a resistencia de Judith Allen, embora não se acceite com muita convicção a desistencia do villão pela heroina...

Nos Estados Unidos, onde existe a "Boy's Week", o film deve ter inflammado o coração da mocidade. Entre nós que não comprehendemos esse aspecto local americano, a historia perde um tanto do seu interesse, mas mesmo assim é um film com todos os elementos para agradar, embora, como dissemos, não possamos levar a serio a semana da mocidade. Mas fazendo de conta que estamos vendo em lugar dos rapazes, a policia, a campanha que elles movem contra os "racketeers", tem um sabor novo, um interesse differente...

A busca no quarto de Charles Bickford tem bom "suspense" e define com muita naturalidade o receio, o medo dos estudantes, ao iniciarem a descoberta do assassino do alfaiate. E a chegada de Charles Bickford é uma scena brutal, de realismo.

Não gostei muito da sequencia do attentado a alfaiataria. E' relativamente fraca e sendo a situação que arma toda a historia devia ser melhor. Mas Harry Green empresta-lhe interesse com a sua caracterização interessante, tão boa que a gente se esquece do Harry Green divertido que estamos acostumados a ver nos outros films.

A prisão de Charles Bickford é optima. E o seu julgamento, na velha olaria, é curioso e o inicio da espectaculosidade de que o film se reveste a seguir, com aquella marcha pelas ruas, a caminho do tribunal da meia-noite, que por signal não tem a emoção e o interesse do outro.

Como de costume nos seus films, De Mille faz correr duas situações parallelas para augmentar a emoção do "climax" da prisão dos "racketeers" e a corrida automobilistica de Judith Allen, momento de emoção popular, tem "suspense" verdadeiro, interessando a platéa.

Cousa notavel, maravilha de Cinema: as explicações da lei que George Barbier dá a Richard Cromwell.

Charles Bickford, que já foi artista de De Mille em "Bonecas de lama", tem um dos melhores trabalhos de sua carreira. Não é só em papeis como o que teve em "Mulher só aquella!" que elle não agrada. Só porque o seu typo é o de um "gangster", nem sempre elle convence. Este é o melhor, com o contrôle de De Mille. Charles, em entrevista, na Inglaterra, queixou-se de que De Mille fel-o ridiculo no film e disse mais algumas cobras e lagartos do grande cineasta, mas a verdade é que este é um papel como poucas vezes elle teve. Aliás, é muito commum o descontentamento de Bickford com todo o mundo de Hollywood. Elle acha que é o maior artista do Cinema.

Judith Allen, descoberta de De Mille, é uma belleza nova, differente, que possuiu uma quantidade de nomes antes de ser Judith Allen.

Seu sorriso é uma maravilha. E "Cocktail musical" já mostrou a sua linda voz.

Richard Cromwell, bem como nunca. Eddie Nugent, agradavel. Ben Alexander, differente sob a direcção do mestre. Toby Wing apparece, de longe, naquelle balanço, na scena do cabaret.

Lester Arnold, Fuzzy Knight, Wade Boteler, Bradley Page, Billy Gilbert, Harry C. Bradley, Louise Carter, Michael Stuart, Guy Usher, George Barbier, Oscar Rudolph, Charles Middleton, Warner Richmond, Onest Conly, Samuel S. Hinds, Mickey Daniels, Howard Lang, Arthur Vinton (aquelle creado gozadissimo de "Cavando o d'Elle"), Nella Walker, figuram.

Depois do caso de Insull, os films americanos vão deixar de falar na Grecia, como recurso aos fugitivos da lei...

Desculpem os pontos falsos da historia e admirem as situações bonitas que elles originam.

E o final é differente e original.

Agora esperemos "Four Frightened People", que por signal a critica não recebeu muito bem...

Cotação: — MUITO BOM.

A TORTURA DA FE' (Zwei Menchen) — Producção de 1933 — Rex.

Um film religioso. O typo do film para ser mostrado na semana santa. O nome de Deus pronunciado innumeras vezes e com a maior veneração. Preces ardentes de toda uma população para que se salve o filho do grande homem local. A promessa de uma mãe afflicta. A torrente causadora do alvoroso religioso. Padres. Roma. O pobre caçador de aguias feito padre. Missas inteiras. Canticos religiosos. O soffrimento do joven padre. O seu amor, unico e verdadeiro amor. A resolução suprema da amante para que não perca a religião.

E em tudo isso Gustav Froelich e Charlotte Suza. Gustav ainda se admitte. Parece ser muito bomzinho... Mas Charlotte! Qual! Não convence. Uma mulher linda e provocante como Charlotte não se deve metter em films religiosos...

Cotação: — REGULAR.

VOZES DO CORAÇÃO — (Forch Singer) — Paramount — Producção de 1933 — Gloria.

Um bom film de linha. Claudettte Colbert faz uma dessas pequenas blefadas em amores. Só encontra saida para a miseria em que vive pelo caminho mais facil. Entrega a filhinha na roda e faz-se cantora de cabaret, vestes as **toilletes** mais ricas, mora num appartamento de luxo, etc.

Mas o seu primeiro amor volta. E com elle a filhinha. E mais uma vez tudo acaba bem.

Convencional. Mas bem dirigido. E Claudette Colbert illumina todas as sequencias mediocres com a sua beleza, o seu **chic** e a sua voz morna quente.

Ricardo Cortez tem um papel dos mais sympathicos. David Manners apparece pouco. Lyda Roberti e Helen Jerome Eddy tambem.

Póde ser visto. Emociona.

Cotação: — BOM.

QUANDO A LUZ SE APAGA (By Candlelight) — Universal — Producção de 1933 — Rex.

Uma deliciosa comedia da Universal que tem a grande novidade de nos mostrar Elissa Landi completamente transformada. Elissa já estava cansada de soffrer em problemas sociaes e complicações conjugaes. Aqui ella é uma criada de quarto tentadora, provocante e atrevida. Veste as roupas da condessa a quem serve e procura aventuras amorosas com nobres. Mas o nobre por quem se apaixona, Paul Lukas, não passa de um criado de quarto como ella. Até que se descubram os fans

REVISTA

gosam as delicias de uma comedia finissima e maliciosa, cujo scenario foi traçado com mão de mestre por Hans Kraaly, antigo scenarista de Ernst Lubitsch.

A melhor sequencia do film é a do encontro de Paul e Elissa na casa do principe Nils Asther, patrão de Paul, e cuja technica amorosa este procura imitar. Imaginem vocês que Nils para não estragar o romance de Paul, no momento psychologico em que as luzes devem apagar-se surge fazendo de criado. Nils Asther faz isso com immensa graça e muita elegancia.

E' uma comedia embriagante como champanhe. Paul Lukas sabe ser um criado de maneiras finas e educadas. São interessantissimos os detalhes de observação, que o director James Whale explora nas scenas amorosas delle com Elissa.

Elissa Landi é uma surpresa para os seus fans. E' a criada mais seductora do mundo. Que graça, que encanto!

Dorothy Revier é a condessa cujos vestidos Elissa veste. Esther Ralston faz uma das conquistas de Nils Asther.

Divertimento fino, de bom gosto.

Cotação: — MUITO BOM.

F DELIRIO DE HOLLYWOOD (Going Hollywood) — M. G. M. — Producção de 1933 — Palacio-Theatro.

Marion Davies, linda como ha muito tempo não a viamos, é professora de francez num collegio feminino. Mas o seu coração está em Hollywood, com Bing Crosby, cujas canções de amor ella não se cansa de escutar através do radio. Um dia ella manda ás favas as lições de francez e invade Hollywood, com a sua belleza e a sua personalidade. Derrota Fifi Dorsay em tremendo combate no coração de Bring e faz-se estrella da tela.

Marion Davies, as canções de Bing Crosby, Patsy Kelly, Ned Sharks como director, pencas e pencas de girls do outro mundo, os estudios. Não é preciso mais nada para um film fazer successo.

Atravessamos novamente a época dos films musicados. Resuscitaram com muito mais belleza. O que perderam em novidade ganharam em movimento, graça, espectaculo, riqueza, luxo.

"Delirio de Hollywood" não é um grande film musicado. A sua historia de amor é fraca. Não tem "plot", quasi. Mas agrada. As canções de amor de Bing Crosby são lindas. Os numeros de dansa são originaes e de grande effeito. A musica encanta. E Marion gasta uma grande dose do seu talento invulgar na maioria das sequencias. A sua personalidade se impõe no film.

Fifi Dorsay é uma maliciosa sereia de estudio, Stuart Erwin está estupendo.

Raoul Walsh dirigiu.

Cotação: — BOM.

F GLORIA E PODER (The Power and Glory) — Fox — Producção de 1933 — Alhambra.

O film não tem innovações capazes de revolucionar o Cinema. Não marca um caminho differente para a composição de imagens. Mas o seu director, William K. Howard — lembram-se de "Tragedia da Alcova"? — é um dos mestres do Cinema. Por isso esperavamos ver pelo menos um bom film.

Howard não desillude os que lhe conhecem o valor. O assumpto do film é simples. Trata da vida de um homem que começou como cabineiro de estrada de ferro e chegou a ser presidente de um grupo de vias ferreas, graças ao seu proprio esforço e a grande força de impulsão que lhe emprestou a ambição de sua esposa, humilde professora publica. No auge de sua carreira uma mulher nova, bonita e provocante leva-o a casar-se com ella, depois de sua esposa se suicidar para não lhe servir de entrave. E a tragedia estoura quando essa segunda esposa se faz amante do filho delle.

O film começa numa cerimonia religiosa commemorativa da morte de Spencer Tracy, o heróe. E' claro que não é ahi que está o valor do film. Howard, no emtanto, apresenta scenas ahi mesmo que demonstram o seu poder de direcção.

O valor do film reside na maneira original de contar a historia. A vida de Spencer é descripta por Ralph Morgan, seu secretario e amigo de infancia. Mas é descripta tal qual nos descrevemos, numa conversa, a vida de um conhecido — aos pedaços, ora a sua infancia, ora factos do fim de sua vida. Sem ordem. Acontecimentos salteados. O principio depois do fim. E assim por deante.

E' um bello film. Real, humano, poderoso. Uma obra que justifica a fama de William K. Howard.

Spencer Tracy tem um grande trabalho. Colleen Moore não lembra os seus grandes films, como disseram jornaes e revistas norte-americanas. Ralph Morgan é o narrador. Helen Vinson é a esposa adultera.

Bello film. A Fox está apresentando bons Films!

Cotação: — MUITO BOM.

F ANN VICKERS (Ann Vickers) — R. K. O. — Radio — Producção de 1933 — Broadway.

E' muito difficil conseguir que um film baseado em obra literaria não lhe soffra a influencia. Essa influencia se traduz pelos defeitos mais contrarios ao modo de ser da arte cinematographica. Excesso de dialogos falta de reacção de umas scenas sobre outras, defeitos graves de ligação. Isso quando o film não é mais que simples paraphrase, méro commentario da obra literaria. Os verdadeiros criadores do Cinema — Vidor, Chaplin — não precisam nem de escrever scenarios. Si por acaso se servem de um livro, de um romance, é como simples excitante mental, simples despertador do fluxo criador.

E quando se trata de filmar uma peça de theatro? E' uma verdadeira calamidade! Todo cineasta deve ter sempre bem presente no espirito aquella palavra profundissima de King Vidor — "Um film escreve-se com a camera e não com a penna".

O Cinema tem sua technica especial, não pode descer a certos detalhes de raciocinio da literatura.

"Ann Vickers" acreditou primeiro nas obras de philanthropia criando um abrigo, um logar de recreio para os soldados que partem para a guerra. Crê depois no porte masculo e nas palavras agradaveis de um capitão. Depois, desillludida, cahe no socialismo e dedica-se á penologia. Faz-se doutora. Firma sua personalidade. A sequencia da prisão é das mais felizes do film. E' uma successão de scenas cada qual mais admiravel. E' um bom estudo de allucinação visual.

A experiencia de "Ann" com o juiz, por quem, na sua vontade de ter filhos, acaba apaixonando-se, o seu heroismo deante dos maiores golpes e a sua rara energia de mulher — são trechos de valor, mas no Film apparecem como lindas illustrações do livro, apenas.

O Film nos dá uma impressão angustiosa de insufficiencia, de fraqueza de composição e deixa no espirito a certeza da superioridade do livro de Sinclair Lewis.

O director, Cromwell, tem qualidades notaveis. Os dialogos de "Ann" e o juiz, na prisão, apesar dos letreiros frequentes atrapalharem muito, são excellentes empregos de primeiros planos.

Além disso, Cromwell sabe muito bem tirar partido do poder de analyse da camera. Quanta energia na physionomia do juiz, quanta doçura na figura ora melancolica, ora sorridente de "Ann"!

A brutalidade sympathica de Walter Huston dá-nos um magnifico juiz Dolphin. A belleza sadia e desembaraçada de Irene Dunne é uma incomparavel "Ann Vickers". Conrad Nagel irradia sympathia nas poucas scenas em que apparece. Bruce Cabott é o capitão que desillude "Ann".

Póde-se dizer, sem lisonja, que o Film é bem bom.

Cotação: — BOM.

FILHA DE MARIA (Cradle Song) — Paramount — Producção de 1933. — Odeon.

"Filha de Maria", a estréa de Dorothea Wieck em Hollywood, foi, sem a menor duvida, um dos melhores Films da semana em que foi exhibido. Um Film notavel mesmo. Consola vel-o após a abundancia de Films de segunda e outras ordens que nos offerecem temperados pelos molhos fartos da publicidade.

E' um admiravel descanso para o espirito uma producção como essa. Mesmo os descretes que têm uma certa delicadeza de sensibilidade não se pódem furtar ao encanto, á ternura, á pureza, á graça ingenua de "Cradle Song".

As imagens são tão limpidas, tão claras, tão bem illuminadas que por si sós constituem já um ineffavel prazer para os olhos. Dorothea Wieck é incomparavel como **Soror Juana de la Cruz.** Nada se póde querer de mais candido, mais limpido do que os seus olhos admiraveis. Suas attitudes são de uma innocencia celestial.

O ambiente profundamente religioso da Hespanha tradicional, os trajes multicores, a exuberancia de palavras, de gestos, de sorrisos, de dansas, de paixões estão estudados com muita segurança. Por isso o Film vale ainda como um optimo estudo de costumes.

O convento é apresentado em angulos que revelam um manejo seguro e preciso da camera. Convem salientar que não ha exaggero, excesso de symbolos, de allegorias de que tanto se abusa nos Films religiosos. Tudo em contado com naturalidade, simplesmente, sem artificios.

Vale ainda o Film como uma ironia subtil contra o rigor excessivo das regras das communidades religiosas. As visitas do doutor ao convento são repassadas sempre da mais deliciosa "verve".

O abandono das alegrias, das coisas terrenas, mesmo as mais simples, as mais innocentes. Separar-se dos sêres mais queridos, dos irmãozinhos, dos amigos de infancia, do jardinzinho... A tudo isso se sujeita a mocidade crente e fervorosa de **Sorror Juana**...

O elenco todo foi escolhido com mão de mestre. Dorothea é incomparavel. Guy Standing é um doutor de convento que a gente não esquece mais. Louise Dresser está admiravel. Evelyn Venable, uma novata, é uma criaturinha cheia do encanto, da surpresa de uma criatura que viveu dezoito annos num convento e que se vê de repente em face do mundo e do amor.

Bravos ao director Mitchell Leisen. Excellente a sua direcção. Um Film com o verdadeiro trabalho de direcção.

Cotação: — MUITO BOM.

F SEMPRE NO MEU CORAÇÃO (Ever in my Heart) — Warners — Producção de 1933 — Odeon.

Uma dolorosa tragedia provocada pelos odios desencadeados durante a guerra de 1914.

Entretanto era de esperar que apresentasse coisa melhor.

Não ha scenas de guerra propriamente. Apenas na segunda metade do Film surgem sequencias passadas atraz das trincheiras. Filas interminaveis de auto caminhões. Material bellico. Batalhões que partem. Soldados de folga.

A coisa começa em 1909, nos Estados Unidos, Barbara Stanwyck é "yankee". Otto Kruger allemão. Amam-se. Casam-se. Filhinho. Guerra. Odios. Murmurações. Desgracas sobre desgraças. Morte do filhinho. Separacão. Ambos encontram-se em França. Ella servindo na expedição americana. Elle espião. A quem trahir? Patria? Marido adorado? E tudo termina num envenenamento. Tudo se resolve com a morte dos dois amantes.

Barbara Stanwyck encarrega-se admiravelmente da parte que lhe toca. Otto Kruger tambem.

Tragedia compungente. E bem armada.

Podem ver. Mas levem "stock" de lenços.

Cotação: — BOM.

"Quando a luz se apaga" — Muito bom

F "Delirio de Hollywood" — Bom

"Gloria e Poder" — Muito bom

"Ann Wickers" — Bom

F "Filha de Maria" — Muito Bom

O Segredo de Joan Crawford

JOAN CRAWFORD falou:

— Nunca revelei isto a ninguem. Nunca me dispuz a falar a respeito de Ray Sterling. Na verdade, cheguei a mencionar-lhe o nome numa biographia minha, mas não falei sobre elle, nem tampouco me referi á influencia que exerceu na minha vida.

"Não sei quem foi que inventou que Douglas Jr. "fez de mim uma senhora, que me incutiu o gosto pela leitura e pelo estudo e que só por seu intermedio me veio a ambição de subir e de chegar a ser actriz dramatica". Tudo mentira.

"O meu guia espiritual foi outro homem, um homem que sempre velou por mim, que sempre me protegeu e que jámais de mim exigiu nada. Um amigo certo e devotado, capaz de me orientar sempre pelo melhor caminho. Foi a primeira pessoa que acreditou em mim e a primeira que me ensinou a ter fé em mim propria. Mais do que isso, ensinou-me egualmente a ter fé nos outros. Por elle me convenci de que sendo possivel no mundo uma dedicação como a sua, tudo o mais era tambem possivel.

"Vou contar toda a historia, desde o principio. Conheci Ray, quando ainda estava no convento de Santa Ignez, em Kansas City. Naquella época, devia ter apenas treze annos. Ray era cinco ou seis annos mais velho. Travei relações com elle, num baile, durante as ferias de fim de semana.

"Até áquella noite, eu nunca pensara noutra coisa, numa festa, senão em dansar. Pra que é que se inventaram os bailes? Nunca me passara pela cabeça que, emquanto os outros dansavam, fosse possivel sentar-se uma pessoa para conversar com outra. Ray foi o primeiro rapaz com quem conversei num baile. — "Aquella noite teve para mim o effeito duma verdadeira iniciação. Mesmo sem o sentir, um pensamento me ficou no cerebro, que foi a semente de tudo o que tenho tentado dahi para cá, de tudo que já realizei e aprendi e de tudo o que ainda espero realizar e aprender. Comprehendi, naquella noite, que a vida tinha muito mais coisas para me offerecer do que eu imaginava.

"Depois disso, encontrei Ray noutros bailes. E percebi, de repente, que tinha feito o que nunca na minha vida fizera e que, desde então, nunca mais tornei a fazer. Abrira o coração com outra pessoa. Revelara áquelle rapaz todos os meus sonhos, todas as minhas aspirações e esperanças. Dissera-lhe do meu grande desejo de ser dansarina, de entrar para o theatro, de me tornar alguem. Falara-lhe do meu tedio na escola, em casa, da minha ansia de fugir para longe, de abrir as asas pelo vasto mundo.

"E vi, com espanto, misturado de alegria, que as minhas palavras não faziam sorrir Ray. Levou-as a serio, acreditou em mim, deu-me a entender que eu seria perfeitamente capaz de realizar tudo o que pretendia. Achou que me podia transformar na personalidade que desejava ser. Encorajou-me e, dahi em diante, a sua preoccupação pelo meu futuro foi egual á propria ambição, que me exaltava.

"Foi elle quem me ensinou a amar as palavras bellas. Tinha tambem grandes aspirações. Lera tudo. Falava de livros, citava pontos de historia, da sciencia, conversava sobre feitos immortaes da humanidade, sobre a realização de formosos ideaes. Eu ia para casa, folheava os diccionarios, lia todos os livros que elle me indicava. Ouvia a musica que me aconselhava e esforçava-me por imitar as acções e predicados daquellas grandes e immorredouras figuras que haviam passado pelos seculos.

"Valha ou não valha coisa alguma, só a elle devo o que sou hoje e o que ainda espero vir a ser amanhã. Foi Ray quem me abriu os portões da terra encantada, Ray e mais ninguem.

"Animou-me, encorajou-me a sahir de casa. Sabia que era uma necessidade para mim e nada temia que me succedesse. Confiava no meu bom senso. E quando parti, dois annos mais tarde, foi elle a unica pessoa a saber para onde me dirigia.

"E, desde o dia em que sahi de casa, aos quinze annos, até á data de hoje, nunca deixou de me escrever lindas cartas, cujos conselhos e suggestões jámais me arrependi de seguir.

"Vendo-me partir tão moça, não mostrou nenhum temor. Apenas se limitou a dizer-me: "A tua idade não quer dizer nada. Tens só quinze annos, mas és mais atilada do que muitas mulheres maduras".

"Quando cheguei a New York, escreveu-me a dizer que não procurasse imitar nada do que se suppõe que sejam os modos e o comportamento das verdadeiras coristas. Nem tal coisa me passara pela cabeça, mas mesmo que os meus designios fossem esses, as cartas delle não me deixariam arriscar um mau passo. Jámais me sentiria com coragem para desmerecer de tão bella amizade.

"Não é preciso dizer que me julgava terrivelmente apaixonada por elle. Talvez de facto o estivesse. Quem sabe? Guardava-lhe as cartas, amarradas com uma fita azul, debaixo do travesseiro, como se fossem um thesouro. A sua só lembrança bastaria para me impedir de praticar certas tolices a que não fogem muitas das pequenas que vivem sózinhas em New York. Mesmo separada delle, sentia-o tão perto de mim, que nunca me julguei só ou desamparada.

"Elle tambem acalentava lindos sonhos. Tinhamos feito os nossos projectos juntos. Eu abria caminho em New York, elle ficara na sua cidade a seguir a sua carreira, mas estavamos convencidos de que, mesmo separados, trabalhavamos ambos por um objectivo commum.

(Termina no fim do numero)

Mae Clarke apresenta uma toilette para o outomno em crepe azul marinho. Notem o novo "puff" nos hombros.

Evelyn Venable

Joan Barnes

Gail Patrick

Lillian Moore

Apenas a casa de praia de Marion Davis, a interessante estrella da M. G. M.

"Good Room" sala de recepções

Sala de estar

Sala de jantar

QUANDO uma pessoa se senta para escrever sobre perfumes, o assumpto é tão suggestivo, tão seductor, que difficilmente se consegue escapar á sua subtil e estranha influencia. Sentem-se tentações de transcrever versos, ou, pelo menos, de dizer bellas coisas a respeito das formosas mulheres que, desde que o mundo é mundo, se serviram de perfumes, ou dos homens, que capitularam deante do seu irresistivel encanto.

Mas, ao menos uma vez, como dizia o poeta, sejamos praticos, libertemo-nos de devaneios e floreios litterarios, tratando directamente o assumpto, sem nos deixarmos levar nas azas da phantasia.

Não ha mulher que não ame os perfumes e que não saiba como elles embellezam a vida, quando usados com arte e discreção.

E, no emtanto, são bem poucas as que conhecem o segredo ou os preceitos de saber applical-os com o devido tacto. No geral, enfrascam-se de perfume, ao sahir a passeio ou para alguma festa, e não pensam mais nisso... Seria bem melhor, nesse caso, não usarem nenhum...

Porque os perfumes nunca devem "dar muito na vista". Só encantam quando, como uma gradavel fragrancia, emanam subtilmente do corpo da mulher, como parte integrante e como expressão della.

As mulheres francezas são peritas no emprego de perfumes. Constance Bennett, que, além dum innato bom gosto, passou algum tempo em Paris, sabe perfumar-se do modo mais discreto e efficaz.

O camarim de Constance chega até a parecer uma perfumaria, tal a variedade de frascos e outros accessorios. Ha ali aromas de todas as flores do mundo. Constance ama os seus perfumes. Costuma dizer que alguns lhe dão inspiração e vae a ponto de escolher aromas que harmonizem espiritualmente

Constance Bennett de cabellos pretos, tal qual apparece em "Moulin Rouge". Constance é uma das technicas de Hollywood no uso do perfume...

A Mulher e os Perfumes

com os papeis que representa nos Films, que a ajudem a **sentir** verdadeiramente a alma das heroinas que interpreta.

E' um dos primeiros preceitos a aprender sobre o uso adequado dos perfumes: saber escolhel-os para certos estados psychologicos e certos momentos especiaes. Não é só derramar um extracto qualquer sobre o corpo e passar dia e noite com elle. Sempre o mesmo perfume, assim como a mesma attitude, acaba por se tornar uma coisa fastidiosa, tanto para os outros como para a propria pessoa. O perfume, por exemplo, que se usa numa tribuna do Jockey Club, não serve para um salão.

Uma mulher, que se sente transbordar de alegria, deve usar nesse momento um perfume ligeiramente activo; serena e calma, será preferivel empregar aroma mais discreto, duma languidez subtil.

Constance Bennett tambem comprehende a importancia dos "conjunctos". O mesmo perfume na agua do banho, na agua de Colonia e no pó de arroz impede o conflicto de fragrancias em torno della. Sahe um pouco caro, mas é uma grande idéa.

E' preciso dizer que a "technica" da applicação dos perfumes desempenha um papel dos mais preponderantes. Derramar o extracto directamente do frasco equivale a um proposito de dispersão que tira ao perfume todo o seu suggestivo encanto. O aroma exhala-se da pessoa dum modo desigual, forte em certos pontos, fraco em outros. O ideal será applicar, em primeiro logar, um pouco de perfume com os dedos, nas orelhas, nas sobrancelhas, por baixo do nariz, nas faces e na parte interna dos pulsos. Depois, convém usar um vaporizador, borrifando-se ligeiramente o abrigo, o lenço e o interior do chapéo. A roupa de baixo, emquanto guardada, deve estar perfumada, porque, ao ser vestida, a de fóra fica delicadamente impregnada de perfume. Outro ponto importante com respeito ao vaporizador. Ao usal-o, ha que ter o cuidado de conserval-o a uma certa distancia, para que os borrifos sejam os mais diffusos possiveis, evitando-se os excessos que tiram ao perfume toda a sua subtileza.

Como regra geral, quasi todos os perfumes se devem applicar directamente sobre a pelle, embora existam variantes que se explicam pela diversidade de certos typos de aromas. Os extractos de flores, principalmente, produzem melhor effeito ligeiramente esfregados na pelle. Os musgos e os fortes typos orientaes parecem ter mais estreita affinidade com os abrigos de inverno.

Quando, como retoque final, se borrifa ligeiramente o vestido, ha tambem que prestar attenção á especie do tecido. Entram nos tecidos composições chimicas que estragam certos perfumes. As sedas e os "chiffons" não dão preoccupações sobre esse ponto, mas existem certas lãs e flanellas, que são inimigas declaradas dos perfumes. As vendedoras das perfumarias costumam orientar as freguezas sobre o problema.

E' muito mais distincto usar perfumes **nos** vestidos, do que **sobre** elles. Basta proceder com a roupa de baixo da forma já indicada. Tambem se pódem embeber pequenos bocados de algodão e cosel-os na bainha da camisa, no cinto e no interior da bolsa.

Quando se ganha de presente um grande frasco de extracto, deve-se mudar o perfume para o vaporizador e para outros frascos menores, mas tendo-se o cuidado de transferir sempre pequenas quantidades, para evitar a evaporação ou deterioração. Deve-se comprar o perfume em frascos pequenos, porque, entre outras vantagens, querendo-se, de repente, mudar de aroma, não ha o receio de desperdicio.

Ha tanto perfume bom no mercado e a variedade é tamanha, que nem se sabe o que se deve comprar. O melhor é ir experimentando um por um, até se acertar com aquelle que

(Termina no fim do numero).

Socios no

UMA prompta amizade se estabelece entre Gilda Farrell, George Curtis e Thomas Chambers, quando o acaso os reune num expresso que demanda Paris. Thomas escreve peças theatraes, George é um pintor.

Ambos apaixonam-se por Gilda...

Gilda apaixona-se por ambos!

— —

Mas, ao chegarem á Cidade-Luz, os dois rapazes experimentam uma desillusão, quando vêm que Gilda abraça e beija com effusão um outro homem, que a espera na estação — Max Plunkett, director da agencia de publicidade onde a pequena trabalha...

Tambem a Plunkett chega a vez de experimentar, não contrariedade e surpreza, mas indignação, quando, dahi ha poucos dias, encontra Gilda e Chambers, aconchegados num banco do jardim publico...

Gilda affirma que nisso não ha nada de particular, mas a opinião de Max é inteiramente differente. E como a pequena não consegue convencer Max de que nada existe de maior naquelle idyllio, cousa tão commum na cidade "sophistication"... diz-lhe que peça explicações a Chambers.

— —

Chambers e Curtis occupam um aposento no "quartier latin", e é ahi que Max vae encontrar Chambers, na occasião em que, de papel na mão, e olhando de soslaio o espelho, elle declama um trecho da peça theatral que está escrevendo e que pretende seja uma obro prima...

O acolhimento que Thomas dispensa a Max, sem ser descortez, deixa o visitante desconcertado. ¡De que modo vae elle se entender com um homem como aquelle, que nada toma a serio?

(DESIGN FOR LIVING)
FILM DA PARAMOUNT

com Miriam Hopkins, Fredric March, Gary Cooper, Edward Everett Horton, Franklyn Pangborn e Isabel Jewell.

Direcção de ERNEST LUBITSCH

Como se as attribulações de Max não fossem poucas, dahi a pouco elle encontra o pintor Curtis em casa de Gilda, onde o que vê decerto não o tranquillisa, pois agora em vez de um, são dois os rivaes, que lhe disputam as amabilidades, as graças, os sorrisos de Gilda, que Max, com muita razão, queria que fossem só para elle...

Mas não é Plunkett o unico a soffrer com as aventuras de Gilda: Curtis e Chambers, por seu lado, vêm perigar, por causa della, a amizade que os une ha tantos annos. Reflectem detidamente sobre o caso, e afinal, chegam á conclusão de que uma futilidade dessas, não justificaria um resentimento entre

FRANCES DRAKE,
a nova inglezinha da
Paramount

Estreou
num pap

MARY CARLISLE

TOBY WING

CLAIRE

TREVOR

MODAS
DE
HOLLYWO

MABEL MARDEN

CONSTANCE

CUMMINGS

Vestido para jantar, de crépe Marocain enfeitado com organdy branco. Cinto preto com babados brancos.

IRENE BENTLEY

Estrellas...

gente reunida, grita, agitando os braços: "Olá, vizinhos!". E' o espirito de camaradagem de Jack subindo irreprimivelmente á superficie... Bom rapaz, o Jack!

Jack La Rue faz um barulho enorme em toda a parte onde chega. Parece mais um collegial turbulento do que um suave e polido "gangster" da tela. Talvez seja o seu sub-consciente a annunciar ao mundo que Jack, no fim de contas, não é o que a gente pensa...

Douglass Montgomery rasga bocados de programmas, de livros, de **menus**, de jornaes, etc., e mette-os na bocca. Querem ver que Douglass, na outra encarnação, foi cabrito?

Neil Hamilton, quando conversa, está sempre a mexer com as mãos. Ha gestos delle que fazem lembrar os passes dum magico. Tem-se a impressão de que Neil, de repente, vae tirar um coelho de dentro do chapéo. E, ás vezes, tira-o mesmo, o que não é de espantar, pois o artista possue apparelhos de magia que lhe custaram sete mil dollars, e é um excellente magico amador. Neil, a falar, tambem costuma brincar com o mólho das chaves.

Ralph Morgan, esse tem a mania da pressa. Mesmo que não tenha nada que fazer, parece que anda toda a vida a correr atraz do ultimo trem. Até a ler poesia, caminha dum lado para o outro, sem parança. Quando estuda algum papel, anda tanto pela sala, que estraga dois ou tres tapetes. Será o medo de parar, de repente, em meio da sua carreira?

Bruce Cabot, em conversa, gosta de esfregar o dedo indicador contra o pollegar. Desgostoso por falar mais do que deve, diz elle que, recorrendo a esse pequeno expediente, consegue alcançar tamanha concentração de espirito, que se conserva razoavelmente calado por algum tempo.

O tique mais notavel de Spencer Tracy é estender o labio inferior e morder fortemente o superior. Para o psychologo amador, isto significa resentimento.

Sylvia Sidney brinca com o cabello. Passa a mão pelo cabello, que, em casa ou no camarim, está quasi sempre solto, e puxa-lhe as pontas, quando não enrola um cacho num dedo vezes sem conta, até se cansar. Talvez seja outra manifestação do mesmo cacoete de Will Rogers...

Claudette Colbert nunca tem pressa e nunca perde o sorriso. Foi ella propria quem explicou aos amigos o que isso quer dizer. Nunca tem pressa por **fora**, porque, por **dentro**, está sempre em ansias. A sua vontade era fazer tudo immediatamente e ir a toda a parte com a rapidez do raio. Mas não! Se deixasse o corpo obedecer aos instinctos, estava frita! Entisicava em menos dum anno! Quanto ao sorriso, Claudette sorri, porque, no intimo, é uma creatura macambusia e enjoada. Em summa, a encantadora pequena faz questão de se contradizer a si propria e está toda contente com isso...

Os tiques de Ken Maynard revelam-se principalmente no modo de vestir. O actor só se sente completamente feliz, quando apparece em publico de casaco branco, calças brancas, botas e perneiras brancas, Stetson branco, luvas brancas, e lenço branco. Depois de analysar este caso, não ha psychologo, por mais "fundo" que seja, que hesite um segundo. Ken preoccupa-se excessivamente com a sua propria pessoa e é vestindo-se dessa forma, que, a mando do tal sub-consciente, tenta deixar de preoccupar-se...

Quanto ao resto, Ken fala muito depressa e, demais, tem a mania de ler, quando se vê rodeado de gente. Na guerra, emquanto os outros sapateavam e dansavam, sentava-se a um canto e lia

Lilian Harvey

Bing Crosby

Claudette...

volumes e mais volumes biographia e philosophia. O coisa: quando fala, levanta o queixo. Não o abaixa, nem sentado, ou andando. Deve ser consciente que lhe pede para sempre de queixo levantado. Freud...

Alice Brady nunca se sen cruzar os pés por baixo da cad mo as creanças. E' um costum raigado nella, que nem mesm festa na côrte de St. James a act abandonaria. Levantando-se, A une os dois pés e ora os vira para querda, ora para a direita. Preocc ção com os pés, talvez...

Toda a gente sabe que a G assim que entra num logar qua onde esteja á vontade, se libert mediatamente do calçado, habito to familiar ás cariocas... Kath Hepburn faz o mesmo. Diz ella calçada, não é capaz de represent scenas de amor. Emquanto não abrir a gosto os dedos dos pés, não vem a emoção...

Quando Mae West está sent a ouvir falar alguem, tem o cacoete baixar a cabeça. Por que será? Talvez para encabular... Chegado, porém, o momento de dizer alguma coisa, Mae apruma-se na cadeira e levanta a cabeça. Provavelmente, para impedir os que a ouvem façam o mesmo ella...

Wynne Gibson anda sempre correr. Chega ao "set" a correr pareça onde apparecer, num en

(Termina no fim do ...)

Euro

Inkijinoff e Charles Boyer numa scena da ultima versão de "La Bataille", da Lino-Film.

ESTA secção é para dar aos "fans" uma noção geral do movimento Cinematographico europeu, ao menos dos principaes centros productores como Inglaterra, França e Allemanha. O movimento productor europeu tem tomado, ultimamente, um grande incremento. A Europa, que sempre possuiu bons artistas, vem agora aperfeiçoando a sua producção e apresentando bons Films. No anno findo, vimos mesmo pelliculas europeas apreciaveis como *A voz do meu coração*, *I. F. 1 Não Responde*, *Senhoritas de uniforme*, *Paris Mediterraneo*, *Eu de dia, tu de noite*, *Melo*, *Ronny*, *Opera dos pobres*, etc. em seus respectivos generos, são opimos trabalhos.

Esta secção vae, pois, registrar o movimento europeu que já é consideravel e manter o *fan* ao par do mesmo. Comecemos pela Inglaterra que, de todos os paizes europeus, é no momento actual o que parece mais interessado em fazer do Cinema uma fonte de riqueza nacional. Simplesmente, universalisando a sua industria como a de Hollywood.

A ascensão que teve o Film inglez no anno findo foi rapida. O successo obtido pelas ultimas producções como *The Private Life of Henry VIII*, *I Was a Spy*, *Bitter Sweet* e outras, atrahiram os olhos do mundo Cinematographico para a Inglaterra.

Até certo tempo, os Films britanicos tinham em todo o mundo uma má reputação. Raros, mesmo, foram os Films inglezes que passaram nas telas europeas, marcando época. Uma ou outra comedia de Betty Balfour, um drama de Dupont, faziam successo. Surgiu o Cinema falado. A Inglaterra continuou a receber o Film americano, graças à lingua commum. O sotaque era differente e nem sempre o "slang yankee" soava bem ao ouvido inglez... Mas as producções nacionaes não podiam ser comparadas aos perfeitos Films americanos...

Os Studios inglezes equiparam-se rapidamente para os "talkies", no outomno de 1929, (tanto que os primeiros Films francezes falados foram feitos em Londres) mas nem por isso a producção ingleza melhorou. As historias, os argumentos eram ainda typicos, britanicos demais para serem exhibidos no estrangeiro. Pois se já não agradavam no local... Mas protegidos por uma lei chamada "de quota", elles eram distribuidos no mercado interno.

Douglas Fairbanks Jr. e Elizabeth Bergner em "Catherine, the Great", da London-Film.

As razões do subito desenvolvimento da industria Cinematographica ingleza são diversas. A "quota", uma intelligente e sabia lei do governo promulgada em 1928, é uma das principaes. Esta *quota* obriga respectivamente os distribuidores e exhibidores inglezes a editar e exhibir uma certa percentagem de Films produzidos nos Studios nacionaes.

Esta percentagem, diminuta a principio, tende a augmentar cada anno. Sendo assim, em 1929 os distribuidores eram obrigados a distribuir uma percentagem de 7.5% de Films inglezes e os exhibidores a passar em seus Cinemas, 5%. Com o correr do tempo, logicamente, o numero foi augmentando e hoje 1934, os distribuidores installados na Gran-Bretanha devem editar 17.5% de Films britannicos e os exhibidores, 15%. Com pequenas variantes, esta lei é applicada em outros paizes da Europa mas cremos que nenhuma é tão habil e intelligente como a da Inglaterra. Habil porque não ataca a producção estrangeira nem difficulta-lhe o mercado — o que seria uma perfeita falta de senso. E 180 Films foram feitos na Inglaterra em 1933 contra os 135 de 1932 e os 95 de 1931. Um progresso notavel.

Outro ponto excellente do systema de "quota" ingleza: obrigar unicamente os distribuidores a possuirem nos seus programmas producções nacionaes, seria favorisar os productores de pelliculas más. Os distribuidores neste caso comprariam sómente Films baratos nos peores productores independentes e archivariam-nas. Tendo prehenchido a sua *quota*, a lei estava satisfeita.

Mas tal não se dá, porque a lei extende-se tambem aos exhibidores. Os Cinemas inglezes são obrigados a passar a sua percentagem, 15% de Films britanicos e os distribuidores precisam ver o que compram, por causa das receitas...

Assim foi garantida a producção nacional. Mas o seu successo, o seu triumpho só estariam garantidos se os Films fossem bons. Em principio, é verdade, elles eram detestaveis e como patriotismo em arte é cousa nulla, o publico sempre preferia os Films americanos, superiores pela sua perfeição. Com o tempo, porém, os productores vendo a opportunidade que tinham com o mercado garantido resolveram melhorar a producção e assim os Films inglezes foram passando a agradar sendo que no anno passado a percentagem extra de 20% foi attingida pelos distribuidores e exhibidores. Nesse anno tão sorridente para o Cinema Inglez, um terço dos Films passados na Inglaterra eram producções dos Studios nacionaes. Outro importante factor do desenvolvimento da industria ingleza, foi a abertura em Junho de 1933, dos novos Studios da Gaumont British em Shepherd's Bus, Londres. Estes Studios são, actualmente, os mais modernos e os mais completos da Europa. E a Gaumont British dá mostras de ser uma organisação disposta a produzir bons Films, pois contractou os melhores technicos, scenaristas e artistas que encontrou no paiz. Ella possue hoje uma turma notavel, graças à qual foram feitos Films como *Rome Express* (Esther Ralston-Conrad Veidt) *Good Companions* (Jessie Mathews) *Waltz Time* (Evelyn Laye) *I Was a Spy* (Madeleine Carroll-Veidt-Herbert Marshall) etc.

A Gaumont British faz agora os seus Films no sentido mais internacional possivel. Ella comprehende a efficiencia do methodo americano. E por isso as producções acima citadas, exhibidos no extrangeiro, alcançaram um grande successo tanto artistico quanto monetario.

Outro factor importante a mais: o actual desenvolvimento da London Film. Organisada pelo director Alexander Korda e Ludovic Toeplitz, aos quaes veio se juntar Douglas Fairbanks, esta sociedade foi um verdadeiro *coup de fouet* na industria ingleza. Como a Gaumont, a London forma uma uma equipe excellente e está investida de grandes sommas para a sua producção. Ella tem feito os seus Films em Elstree mas agora alugou o antigo Whitehal Studio, que pertenceu a Adelqui Millar. A sua producção *Private Life of Henry VIII* que tanto successo alcançou na Europa e nos Estados Unidos, pela sua originalidade e a creação de Charles Laughton, trouxe notavel conceito para a Cinematographia ingleza. Dizem os entendidos: "*Henry VIII* responde a todas as per-

Paul Graetz e Mary Clare em "Jew Suss", da Gaumont-British.

guntas e recebe todos os argumentos contra o Cinema Inglez".

Douglas Fairbanks de passagem por Londres, teve occasião de assistir a "première" deste Film de A. Korda e tão enthusiasmado ficou com o mesmo, que resolveu estabelecer-se na capital ingleza, associando-se a London Film afim de produzir planos em grande escala. E embora Hollywood sorria scepticamente dos do irrequieto Fairbanks Snr., elle trouxe comsigo seu filho Douglas, Maurice Chevalier para alguns Films, Roland Young e outros. Seu Film *Catherine the Great* foi estreado com exito e tudo vae de vento em popa. Acaba de entrar em producção, a sua nova pellicula: *Exit D. Juan*, cujos exteriores elle Filmou na Hespanha e é baseado no "L'homme a la rose", de Henri Bataille.

pa...

Douglas organisou um entendimento com a United Artists e Joseph Schenk esteve em Londres no mez atrazado. A conferencia secreta entre ambos, Korda e Toeplitz foi mais commentada do que um discurso do Presidente do Conselho, deixando *Fleet Street* em polvorosa...

A London Film é ligada á United Artists e esta distribuirá os Films daquella, pelo mundo inteiro. Korda falando aos jornaes declarou: "Realisaremos sómente Films de qualidade. Não faremos mais do que 8 em 1934 mas com a certeza de que serão apreciados em todo o mundo".

A vinda de consideravel numero de artista e technicos de Hollywood, trazendo nomes populares e os methodos americanos, muito ajudou os Films inglezes. A British International Pict. realisou obras com grande numero delles e agora mesmo em "The Red Wagon" estão Raquel Torres, Greta Nissen, Charles Bickford e Don Alvarado. Além desses, vão tambem fazer — ou já fizeram — Films na *jolly Old England*: Leslie Howard, David Manners, Ann May Wong, Maurice Chevalier, Marian Marsh, Ralph Ince, H. B. Warner, Dorothy Mackaill, Lily Damita, Phillips Holmes, Sam Hardy e outros. Fortes boatos circulam, que Mary Pickford e Norma Talmadge foram convidadas...

O publico inglez tomou gosto pelas producções nacionaes e pelo nome de seus artistas como Jack Buchanan, Merle Oberon, Binnie Barnes, Evelyn Laye, John Loder, Anna Neagle etc.

"E quando o publico inglez admira um artista, esta admiração está garantida por uns 150 annos" declara Bebe Daniels que lá fez dois Films!

Outro factor certamente importante é o caracter serio e honesto das firmas britanicas. Os banqueiros da City não hesitaram, nem hesitam, em adeantar o dinheiro para as firmas productoras. E' um assumpto muito commentado em Londres, saber se a Gaumont British é particular ou uma companhia semi-official apoiada pelo governo...

Este, aliás muito tem ajudado a producção. Durante a Filmagem de "Henry VIII", o British Museum collocou á disposição dos directores e artistas: palacios, castellos, costumes e objectos da época, para maior authenticidade do trabalho. Outras companhias têm sido fundadas. Uma sociedade franco-ingleza, a British Continental, dirigida por Sam Spiegel é uma dellas. Produzirá Films em inglez e francez sendo o primeiro com Emil Jannings. A P. D. C. inaugurou os seus Studios Triumph num arrabalde londrino e promette 18 Films para 1934. Em Blackpool, no Mar da Irlanda, a London and Blackpool Films Prod. tambem montou seus Studios com um capital de..... 50.0000 libras. As companhias americanas por diversas vezes organisaram Studios nos paizes europeus, tendo os mesmos dado prejuizos. Desta vez, porém, parece que ellas estão dispostas a fomentar a producção européa. A Universal tem um Studio em Berlim onde foram feitos *O Rebelde* e *S. O. S. Iceberg*. Carl Laemmle Jnr. veio recentemente a Europa afim de estudar as possibilidades da producção. Elle espera dar a cada paiz, um Studio Universal, produzindo com artistas proprios e na lingua local.

A Warner Bros. vae fazer em 1934, 26 Films nos Studios da Teddington, em Londres. Serão usados artistas americanos (começando com Laura La Plante e Reginald Denny) e inglezes, sob a supervisão de Irving Asher, o director da producção estrangeira. A Warner tambem está planejando mandar um "unit" á Russia, afim de Filmar uma historia "in loco", com artistas russos. A Paramount tem o seu Studio em Saint Maurice e a Fox acaba de fundar o seu departamento europeu em Paris, sob a direcção de Erich Pommer. A Fox tambem vae produzir alguns Films no Studio da Gaumont British.

E' este mais ou menos o estado do movimento Cinematographico na Inglaterra — um renascimento enthusiasta e promissor. Mas irá elle adeante? Tudo faz crer que sim, principalmente com a ajuda que lhes dão as companhias americanas distribuindo os seus Films para o resto do mundo.

Na França e na Allemanha, as producções nacionaes dominam o mercado. Em Janeiro, por exemplo, foram exhibidos em Paris 23 Films, sendo 11 francezes, 8 americanos, 3 allemães e 1 inglez. Em ambos os paizes, o governo apoia os Studios nacionaes com uma lei de "quota", muito mais rigorosa do que a ingleza — particularmente em relação aos Films estrangeiros falados. São quasi todos obrigados a serem apresentados em versões "doublées" no idioma de cada nação, o que os prejudica consideravelmente.

Mas em Paris e Berlim, ultimamente, os grandes Films americanos passam em versão original com letreiros sobrepostos, juntamente com uma copia "doublée".

(*Termina no fim do numero*)

Claude May, Kate von Nagy, e Jaqueline Daix em "Un jour viendra", da Ufa.

Dois aspectos da estréa de "Les Miserables", em Bruxellas, com a presença de Alberto I, realisada, por signal, na vespera da tragica morte do soberano que era um grande admirador do Cinema.

Charles Laughton como "Henrique VIII".

Henry Baur, o ultimo "Jean Valgean" do Cinema francez.

Paul Wegener, o celebre "Golem", que o Rio conhece pessoalmente, voltou ao Cinema, dirigindo "Freudin eines grosson mannes", da Ufa.

Lillian e Chevalier...

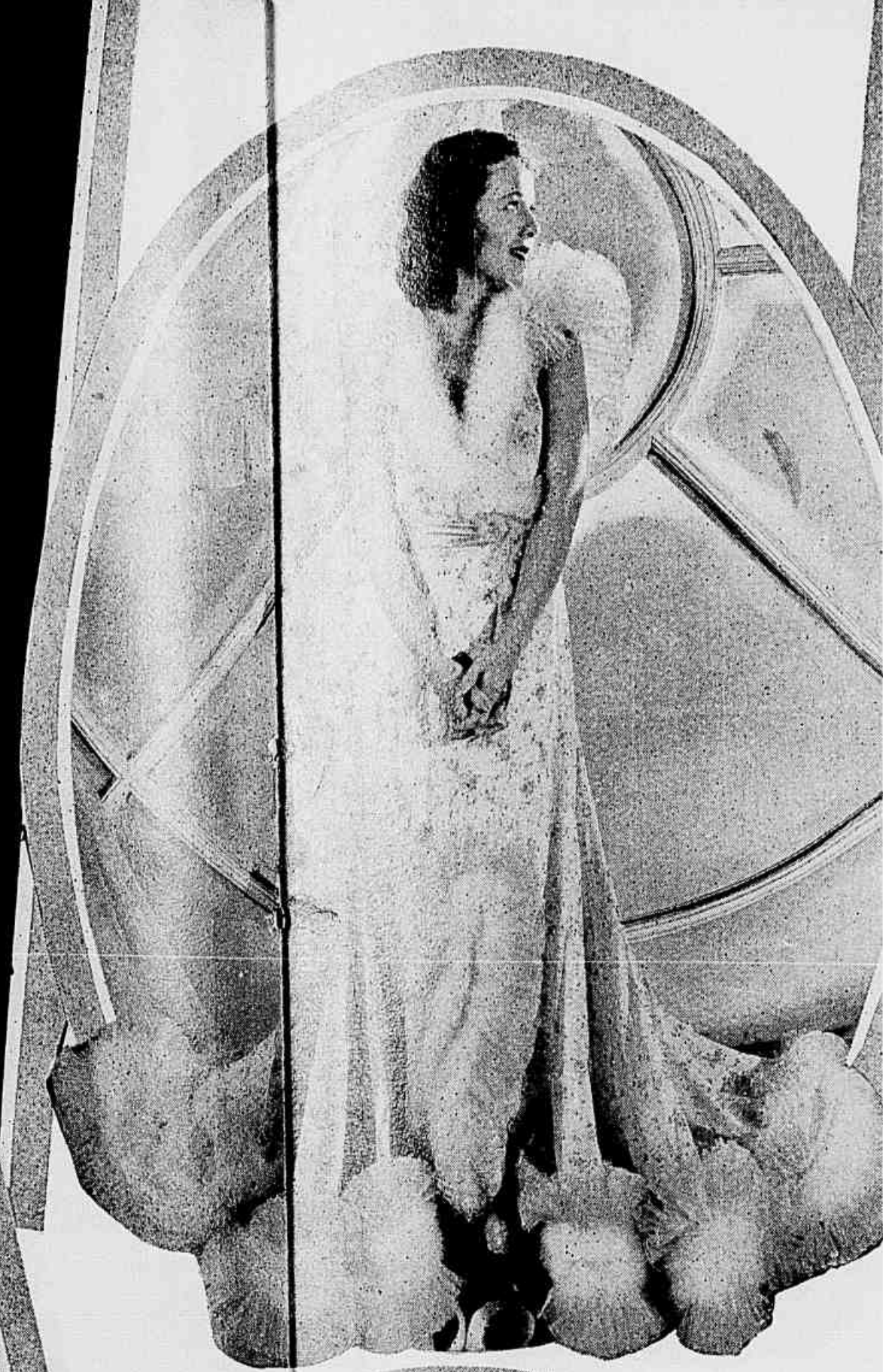
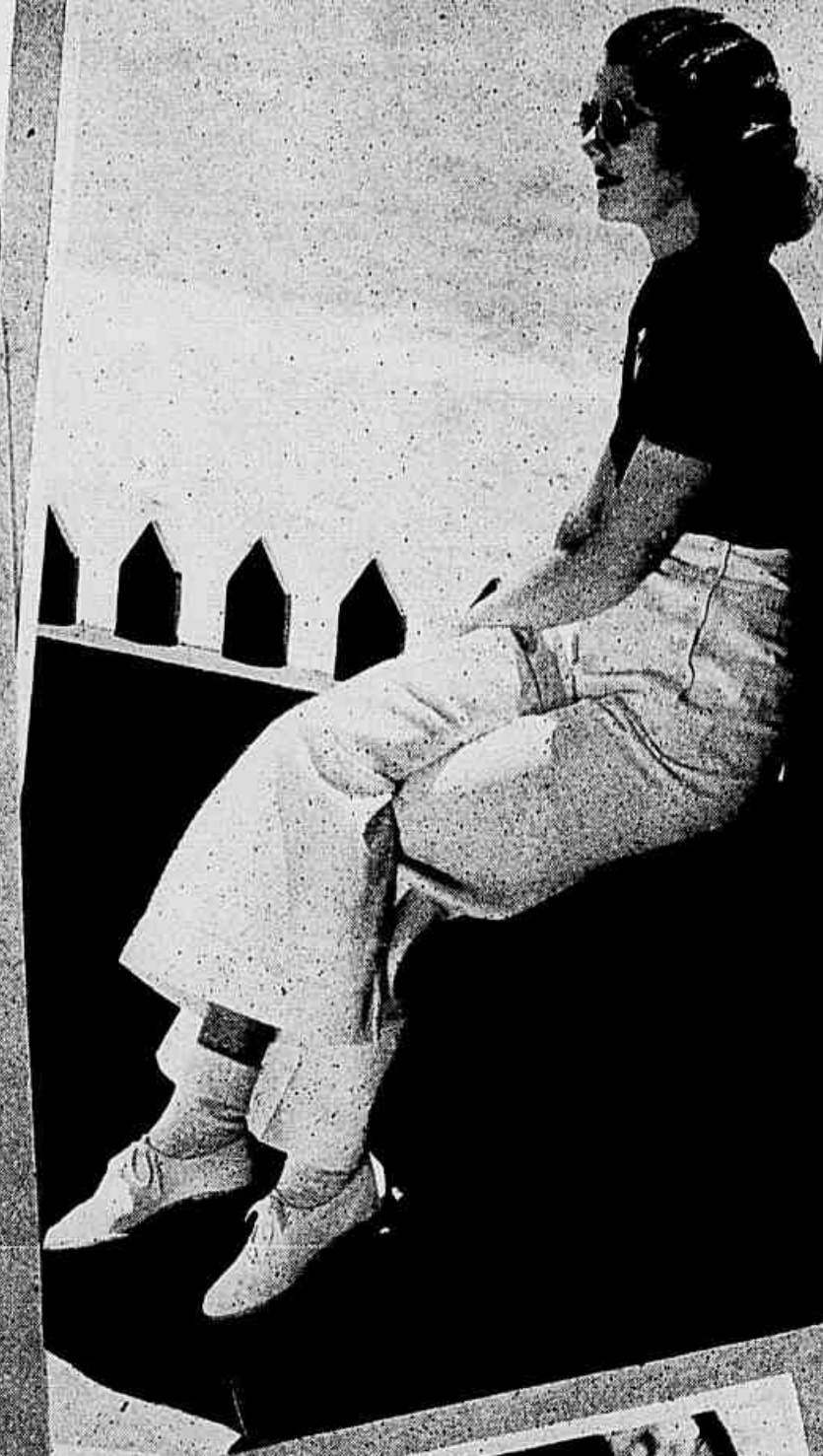
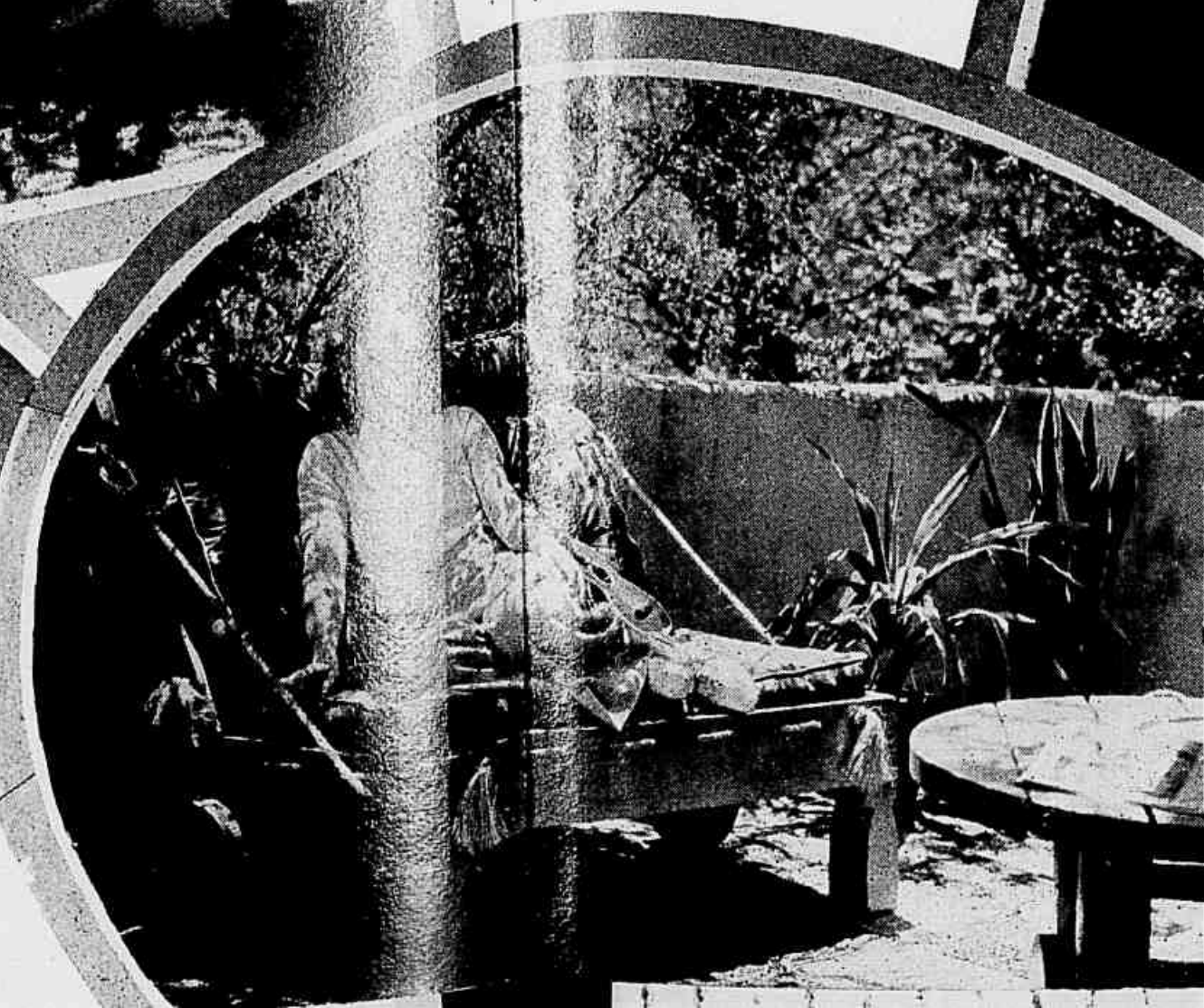
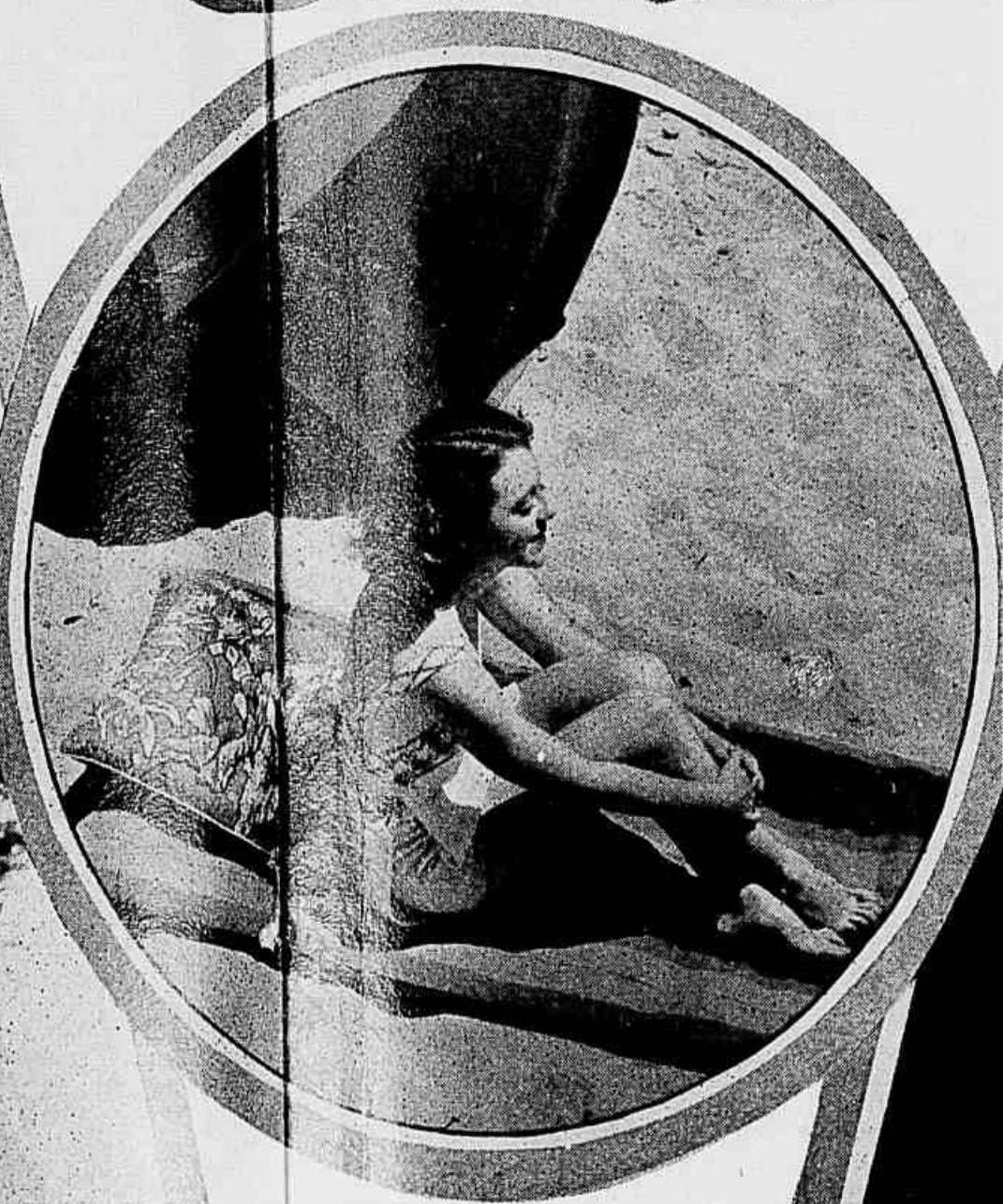
LILLIAN HARVEY... e a publicidade americana...

(Photos da Fox)

Aquella protegida de Voltaire...

A esposa infiel de "Prisioneiros"

Grande esperança da Warner - First National

Margaret Lindsay

JANET GAYNOR

INSTANTANEOS E POSES
DA ESTRELLINHA DA FOX

Vestido de tarde em filó preto, a blusa.

Agasalho em organdy branco.

Betty Furness, da RKO-Radio

Vestido de chá em crepe metalico.

Sahida de noite em organdy.

EVELYN VENABLE não pode ser beijada... é uma das clausulas do seu contracto

FREDRIC MARCH entre EVELYN VENABLE e GAIL PATRICK

Scenas de «DEATH TAKES a Holliday» da Paramount

Era reserva da Metro, no caso de Garbo não voltar da Suecia... Mas a suéca voltou e a Warner First National tomou conta desta nova russa que tem personalidade para ser ella mesma....

KATHRYN SERGAVA

Manhã de Gloria

EVA LOVELACE, uma pequena do campo que tem grande vocação para a carreira théatral e um talento que merece ser aproveitado, vae para New York em busca da sonhada opportunidade.

Na grande cidade, ella se encontra com Louis Easton, um dos grandes productores da Broadway e Joe Sheridan, um brilhante escriptor theatral, socio de Easton, que logo se interessa pela futura "estrella", acreditando sinceramente nas grandes possibilidades artisticas de Eva. O mesmo, entretanto, não acontece com o productor, que se diverte á custa dos enthusiasmos da pequena.

A nova artista, porém, consegue trabalhar e nas varias opportunidades que lhe dão, consegue impressionar bem o publico e adquirir a certeza de que triumphará, se lhe derem a opportunidade difficil de que depende a sua victoria como "estrella".

Robert Hedges, um actor veterano, dá-lhe logo a sua protecção.

Certa occasião, juntamente com Hedges, Eva vae a uma reunião no appartamento de Easton e bebe **Champagne** demais... Inspirada... ella, faz então uma personificação de "Hamlet" que torna-se uma das attracções mais interessantes da festa. Depois representa a scena do balcão de "Romeu e Julieta". E nesta, Joe Sheridan faz o papel de Romeu...

Easton fica profundamente impressionado com a actriz.

Na manhã seguinte, Joe vae buscar Eva e se convence de que está definitivamente apaixonado pela artista.

Quer ajustar a situação, para, vê que nada póde ser feito. Eva está absorvida pelo desejo de realisar a sua ambição theatral.

A sua carreira, entretanto, vae descendo degráos. Ella sahe de uma Companhia theatral para representar num acto obscuro numa variedade de malabarismo e finalmente dansa numa festa.

Entrementes, Easton e Sheridan estão promptos para a

(Termina no fim do numero).

(MORNING GLORY)
FILM DA RKO-RADIO

Eva Lovelace	Katharine Hepburn
Joe Sheridan	Douglas Fairbanks Jr.
Louis Easton	Adolphe Menjou
Rita Vernon	Mary Duncan
Hedges	C. Aubrey Smith
Gigolô	Don Alvarado

Direcção de LOWELL SHERMAN

Uma heroina de

(DE P. R. — ESPECIAL PARA "CINEARTE")

NEW YORK foi o centro de muitos Films admiraveis na velha phase do Cinema, mas depois que a producção Cinematographica americana passou-se para Hollywood, a cidade dos **skyscrapers** jámais produziu um grande Film. Seus Studios são, como se diz, "de emergencia" e nem no momento em que a Téla começou a falar, em cujo periodo, prestaram bons serviços aos productores, puderam fazer Films como nos tempos da Brady, da velha Fox e da velhinha Biograph...

Foi em Nova-York que David W. Griffith, o director que os "fans" actuaes quasi nem conhecem, fez o seu ultimo Film, ha uns quatro annos. Um Film "teimoso" como em geral eram todos os do creador do "Lyrio partido"... que parecia não comprehender o progresso do Cinema. Film que o Brasil não viu.

Mas "The Struggle", em meio á sordidez de suas scenas e seu elenco "sem bilheteria". (apesar da historia ser de Anita Loos e John Emerson) tinha duas figurinhas femininas que hoje têm muitos "fans"... Duas moreninhas adoraveis. E cousa interessante: ambas de sangue hungaro!

Zita Johann, a princeza egypcia que Karloff amou em "A mumia". Helen Mack, a mais delicada de todas as Helenas "brunettes" do Cinema, para não sermos injustos com a outra Helen pequenita tambem cuja arte já a consagrou como uma das maiores artistas do Cinema — Helen Hayes.

Estas duas pequenas encantadoras começaram a viver no Film em que Griffith partia definitivamente para o occaso...

E' de Helen que vamos falar.

Viram "Emquanto Paris dorme"? Este Film foi a sua estréa em Hollywood. Nome desconhecido para os "fans", quem viu este Film ficou querendo bem a essa meiga "estrellinha", tanto quanto o seu "papae" na fita — Victor Mc Laglen e por isso mesmo nunca gostamos tanto do velho capitão Flagg, em Films sem Eddie Lowe, do que nessa historia de **apaches**, onde os americanos divertiram-se á custa de Paris, impiedosamente...

Até Jack La Rue, sentiu-se incapaz de macular Helen, lembram-se?

Helen Mack é uma das raras ingenuas que convencem. Ella é a menina dos nossos sonhos. A creança mulher que foi o nosso primeiro amor... Senhorita Meiguice que fascina e encanta com o "sex-appeal" da sua innocencia! Lembra a Ruby Keeler da "Rua 42" e a Marian Nixon de "Sonho de artista"...

Helen nasceu em Rock Island, Illinois, filha de inglezes e de hungaros. Dahi o encanto singular dos seus olhos. Mas ella não reune na physionomia apenas estas duas nacionalidades é tambem uma moreninha bem brasileira...

Foi educada em New York, na "Professional Children Shool" e quando menina, appareceu em muitos Films. Um delles foi a "Zázá", de Gloria Swanson, da Paramount. Tambem trabalhou em peças theatraes, como "Pomeroy's Past", "Yellow" e muitas outras.

E estava no palco quando Hollywood a contractou para "Emquanto Paris dorme". Representava na peça "Subway Express", nessa occasião.

Depois de "Emquanto Paris dorme", trabalhou em "Testemunha occulta", de Greta Nissen e a seguir com Ken Maynard no Film "Fargo Express", para a World Wide.

Terminando o contracto com a Fox, Helen foi contractada pela Columbia para "leading-lady" de Buck Jones em dois Films do sympathico "cow boy": — "The California Trail" — e — "The Yankee Bandit".

Depois a Radio deu-lhe o papel de florista em "Sangue maldi-

Com George Raft em "All of Me", da Paramount

Numa scena do Film de Griffith — "The Struggle".

Griffith...

to", que vimos ha pouco. no **Rex.** Tão bom foi o seu trabalho que a empresa de Gower Street premiou-a com um longo contracto. Nessa occasião Vera Engels. a "estrella" filha do commandante do celebre cruzador allemão "Emdem". que estava escolhida para a heroina de "Cruzeiro de amores". recusou trabalhar. desprezando aliás um contracto de cinco annos... Helen Mack substituiu-a e apesar da quantidade de louras estupendas que o Film apresentou. inclusive Greta Nissen. a moreninha provou. muito antes do typo 7"... que o typo claro é mesmo café pequeno... perto do moreno... Não foi verdade?

Depois deste Film. ella trabalhou ao lado de Roland Young e Ralph Bellamy. num Film de mysterio — "Blind Advenure" — genero Sherlock Holmes. E neste Film da Radio vamos vel-a lourinha...

Ganhou o papel que Sylvia Sidney teria em "Chrysalis", da Paramount. agora intitulado "All of Me". ao lado de Fredric March, Miriam Hopkins e George Raft. e trabalhou em "Reliquia de amor" da Metro. com Lionel Barrymore e Marie Dressler. que vimos ha pouco no Palacio.

"Son of Kong", a "Segunda epoca" (recordando os velhos tempos do Cinema...) de "King Kong". vae mostrar-nos Robert Armstrong e Frank Reicher nos mesmos papeis. e ainda Noble Johnson porque o "Sóla" não podia deixa de trabalhar... mas em lugar de Fay Wray veremos Helen Mack...

Não faz mal. não é Helen? Você já esteve entre os apaches sanguinarios de Paris... e sahiu illesa...

Helen tem os olhos escuros e cabellos negros. E o seu perfil lembra muito a saudosa Alma Rubens.

Vive com sua mamãe em Hollywood e tem sympathia pelo numero 13. por ter nascido em 13 de Dezembro de 1913. tal qual Lu Marival... mas em compensação é mais uma pessoa que tem superstição e não accende um cigarro com o mesmo "match" que duas outras já o fizeram...

Seu proximo trabalho será em "Escape to Paradise". ao lado de Eric Linden. que já foi seu collega de elenco em "Sangue maldito". e que por signal já devia ter feito este Film. ha tempos. quando Frances Dee casou-se com Joel Mc Crea. Eric estava apaixonado por Frances e partiu inesperadamente para a Europa. deixando o Studio da Radio "á franceza"...

Agora "Escape to Paradise" vae ser feito.

O typo de Helen. noutros tempos. se diria que era bem o de uma "heroina de Griffith"... e ella foi mesmo!

A florista de "Sangue Maldicto"

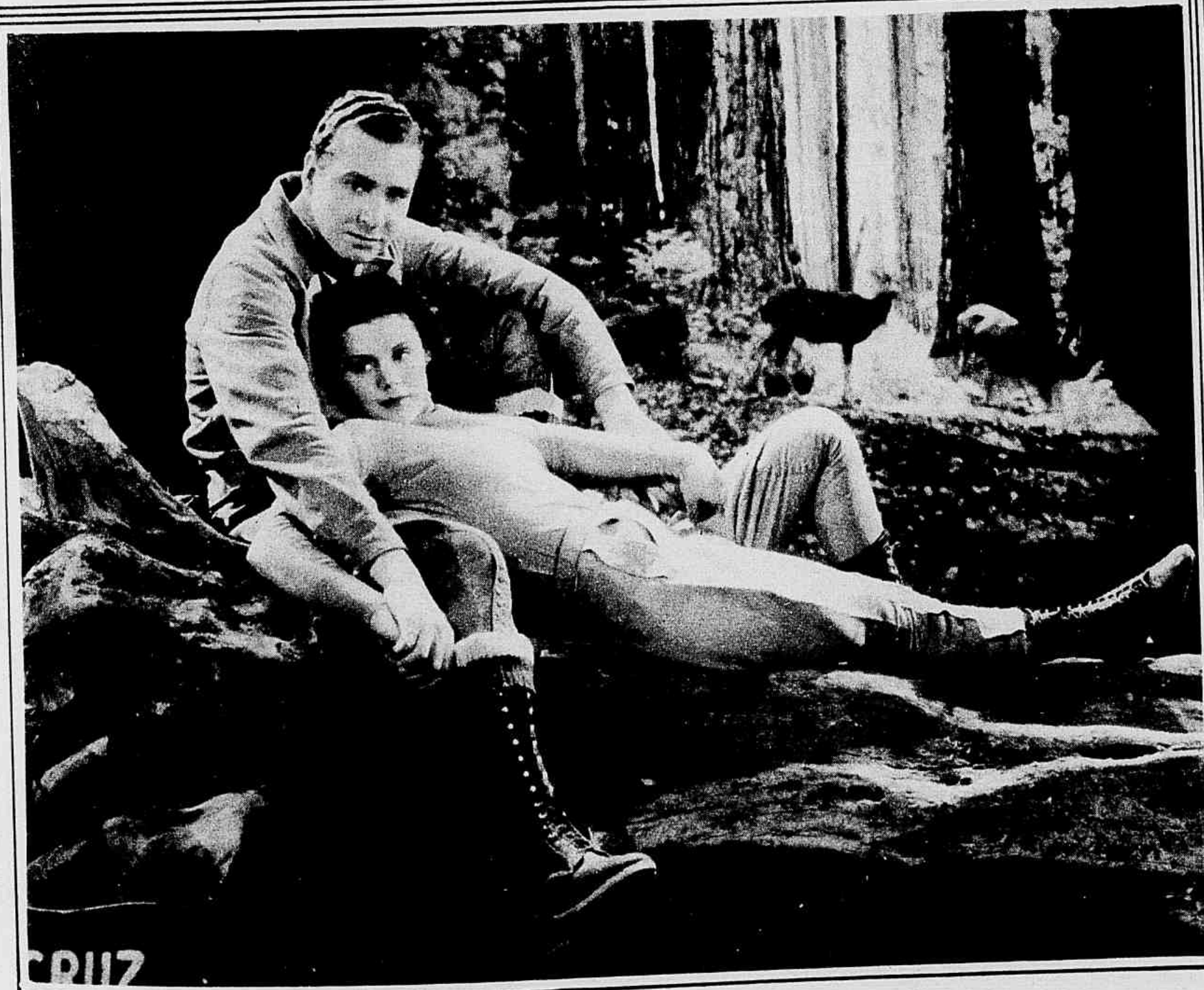
Com Phil Harris em "Cruzeiro de amores"

Helen, quando menina appareceu em varios Films

Irving Pichel. muito nosso conhecido. o pae da creança doente de "Asas da noite". terá um dos papeis de "Cleopatra". de Cecil B. de Mille.

Douglas Montgomery será o galã de Margaret Sullavan em **Little Man, What a Now?**, da Universal. direcção de Franck Borzage.

Frankie Darro. com dezeseis annos. já tomou parte em cerca de quinhentos Films.

"Ariane" é um Film inglez da Blue Ribbon com Elizabeth Bergner. Percy Marmont e Warwick Ward. dirigido por Paul Czinner.

Edward G Robinson e "Dona" Gladys, um dos casaes mais felizes de Hollywood...

Album da Familia

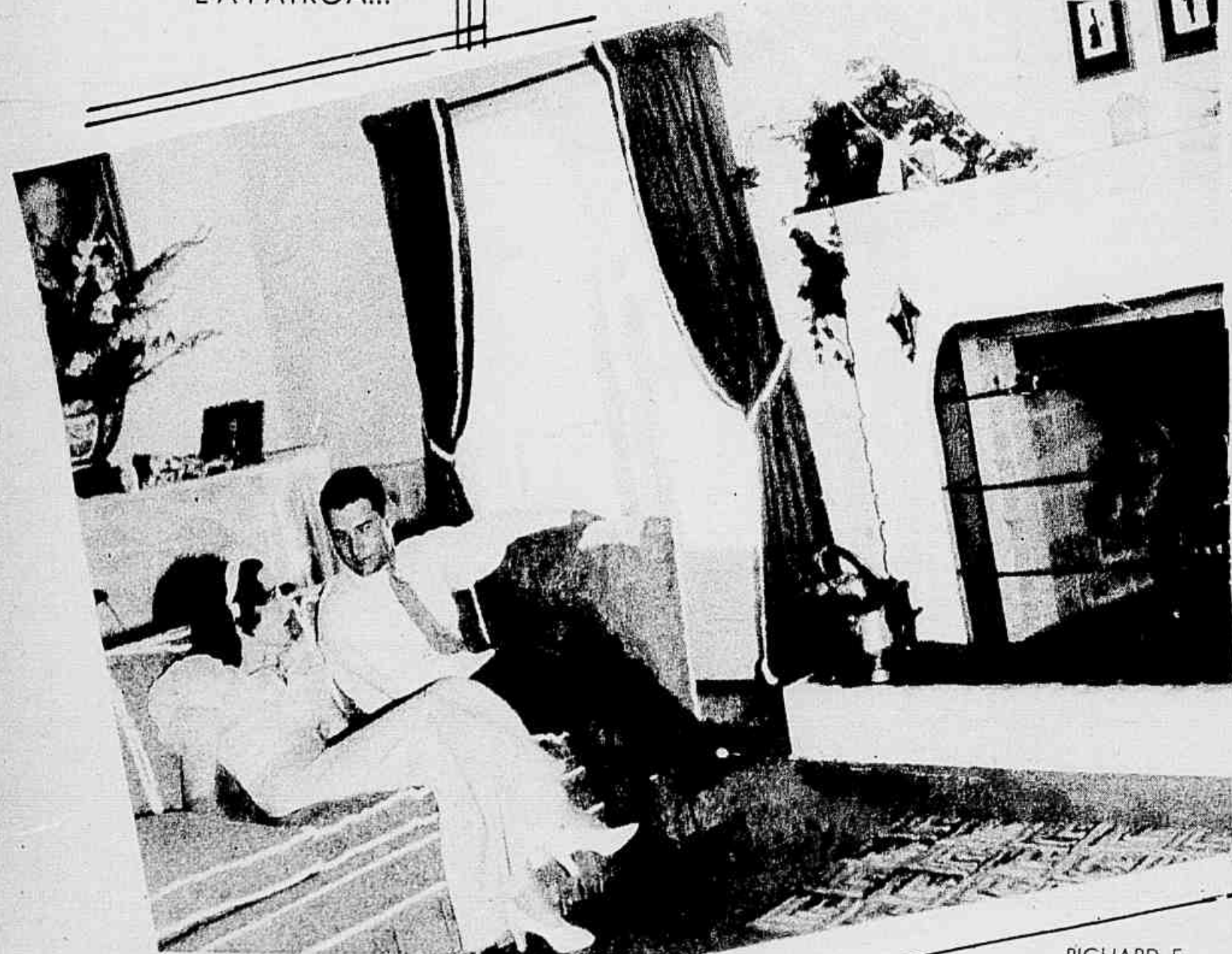
BING, DIXIE E GARY EVAN

"SKEETS" GALLAGHER SENHORA E HERDEIROS

CHARLES MURRAY E A PATROA...

JOE BROWN E FAMILIA...

RICHARD E ROBYNA

Abaixo o Casamento!

NÃO acredito no casamento!

Com essa simples phrase, Jeanette Mac Donald deitou por terra todos os boatos a respeito do seu provavel enlace com Robert G. Ritchie. Era tanta gente a falar no casorio, que Walter Winchell estampou no seu jornal que apostava dez mil dollares contra cinco mil como Jeanette até já estava casada secretamente. Jeanette aceitou a aposta e Winchell calou o bico, enfiado.

Se Jeanette merenda com Lubitsch em Hollywood, no dia seguinte até os jornaes da Cochinchina comentam o caso. Se Chevalier lhe manda um ramo de rosas em Chicago, gemem os prelos do mundo. O seu noivado com Bob Ritchie, athleta de universidade, actor, corretor, empresario e mais uma porção de coisas, andou buzinado, no radio e telegrapho, no céo, no mar e na terra. Se Jeanette desmente que se vae casar, é materia para typo bojudo de primeira pagina. E se se casasse mesmo? Era um Deus nos acuda de edições extraordinarias.

Mas Jeanette apenas diz:

— Não acredito no casamento!

Convém, entretanto, accentuar que Jeanette só se refere ao casamento. Não fala nem em "namôro" nem em "romance", nem em "amor". Não toca em nenhuma das palavras que se inventaram para exprimir esse sentimento que o proprio Clemenceau considerava, com modestia, o mais forte do mundo. Jeanette implica com a instituição do matrimonio e nada mais. Na verdade, difficilmente poderemos imaginar uma creatura tão romantica e encantadora como a "mulherzinha" do sr. Fulano, esposa abnegada e mãe de filhos.

Milhões e milhões de "fans" estão mais do que convencidos de que Jeanette não nasceu para isso. Ella é o retrato perfeito do que os francezes chamam "l'amour", uma coisa em tudo por tudo differente da crueza do "sex appeal" americano. Jeanette é o amor travesso e sorridente, que se diverte e não gosta de responsabilidades burguezas... Faz lembrar a Psyche, dansando ao poente, emquanto Pan toca a sua flauta agreste. Como poderia, então, acreditar no casamento?

Jeanette, porém, não é amiga de conclusões apressadas, especialmente em assumpto tão complicado. Sabe observar e deduzir com logica. As suas opiniões não se baseiam em meras apparencias. Mas mesmo que fosse um Will Rogers de saias e nada soubesse do que se passa, "a não ser pela leitura dos jornaes", a attitude duma mulher que hesita em metter-se na perigosa aventura matrimonial não é coisa que espante por incomprehensivel.

Mesmo sem culpa da publicidade escandalosa, ou dos murmuradores e intrigantes, o Deus Cupido tem soffrido, na Coast, derrotas terriveis. São sem conta os casamentos considerados "felizes", que, dum momento para o outro, sem ninguem saber como, desabam fragorosamente. Eros soffre tratos de polé e o Deus do Amor, "groggy" e desmoralizado, já não fornece nenhuma inspiração dos sonhos romanticos da juventude. Na cidade do Cinema, Eros perdeu todo o prestigio. E Jeanette já viu marcado com um X o lugar onde está enterrado o cadaver do Amor. Não admira por isso, que exclame:

— Não acredito no casamento. Tenho medo. Olhem em redor e apontem-me um casal feliz, em Hollywood.

Todo o mundo olhou e não viu nada. Só um jornalista presente se lembrou de dizer que havia em Bervely Hills alguns casos commoventes.

Mas Jeanette fulminou-o immediatamente.

— Esses são raros e o senhor bem sabe que a excepção confirma a regra! Parece que existe entre a gente de theatro qualquer coisa que se oppõe irreductivelmente á felicidade conjugal. Não sei o que é, embora haja meditado a fundo sobre o assumpto. No intimo, estou convencida de que não ha mulher que não se queira casar, e eu não sou nenhuma excepção. Mas tenho medo! Por que arriscar o coração? Por que cahir na desgraça? Por que fingir que ignoro o que já vi e acreditar ingenuamente que o meu caso será **differente?** Não creio que o casamento dê resultado em Hollywood. Não falo por falar, mas apoiada em factos concretos.

Fica-se a pensar se Jeanette sempre teria tido idéas. E' provavel que não. Quando ella ainda era mocinha em Philadelphia, deve ter conhecido um Johnny qualquer do bairro allemão, que foi talvez o seu pirmeiro amor. Se Jeanette ficasse na cidade de Bill Penn, teria casado, como tantas outras, seria dona de casa, mãe de muitos filhos. Quem sabe se o casamento em Philadelphia não daria "resultado"? Quem sabe se Jeanette não seria mais feliz?

Mas isso só acontecia, se Jeanette Mac Donald não fosse Jeanette Mac Donald. Jeanette separou-se dos rapazes e moças da sua cidade. Não por pertencer já a outra geração, mas por se haver mudado para outra rua, outro bairro, outro mundo. Quando se encontra um velho amigo, depois de longa separação, quantas vezes não se experimenta a amarga impressão dum mutuo constrangimento? Já não ha entre os dois nenhum traço commum. Apenas o mesmo desencanto, a mesma magua por uma antiga amizade que passou e se perdeu para sempre. Jeanette agora é estrella de Cinema. E o Johnny do bairro allemão? Que é delle? Por onde anda?

— Muita gente imagina, continúa Jeanette Mac Donald, que as actrizes reunem condições especiaes para se tornarem esposas admiraveis. Na verdade, as mais completas donas de casa, que tenho conhecido, não deixam nunca de "representar" um pouco, diante dos maridos, e por certo, não se póde negar que as actrizes são habeis em certos artificios, com que as outras mulheres não estão familiarizadas. A missão da actriz, no fim de contas, consiste em agradar. Mas, na realidade, as coisas, em geral, tomam rumo muito differente. Actores e actrizes dão tudo o que têm a dar no "Set". A casa é apenas o lugar onde se póde atirar pontapés no gato!

"Faz-me lembrar um velho ditado: "Não brigues com a tua mulher na rua! Não tens casa?"

"Mas, falando serio, o amor é uma emoção que se alimenta principalmente de ninharias sentimentaes, de pequenos nadas, que lhe dão um encanto irresistivel. Ora, dez horas de trabalho no Studio deixam o artista emocionalmente exausto, derreado, com os nervos abalados e esm nada para dar. A noite representa para elle o descanso, a libertação, o á — vontade do corpo. Estar á vontade equivale, mais ou menos, a ser natural, o que nunca é, pódem crer, a melhor attitude dos pobres mortaes, cheios de imperfeições. Se não vejamos. Dizer a verdade, por exemplo, é "ser natural". Dizendo-se a verdade, escolhe-se o caminho mais commodo, mais "natural" porque mentir, não sei se já perceberam, dá sempre trabalho. Pois bem. Quem é que tem a coragem de dizer sempre a verdade, só a verdade? Bem pouca gente. Ninguem se quer aborrecer ou perder amigos! E' natural, quando estamos cansadas, deixarmo-nos cahir numa poltrona e occuparmo-nos com o **cold-cream** e a ondulação do cabello. Mas a propria **Miss America,** se apparecesse assim "natural" num concurso de beleza, talvez só conseguisse um unico voto: o de sua mãe. Não sei se comprehendem o que quero dizer.

"Talvez se julgue que por trabalharem marido e mulher na mesma profissão a comunhão entre os dois seja maior e, por isso, a amizade mais solida. Não é assim. Pelo menos, no Cinema, não é assim. E por que Talvez por causa do excessivo egoismo dos actores. Não que sejam más pessoas, mas é que vivem á custa da propria personalidade, que vem a ser, no caso, uma especie de mercadoria vendavel. E' por isso que nos parecem tão terrivelmente commodistas. Olham para si proprios com o mesmo carinho e com o mesmo cuidado com que o lavrador olha para a colheita e a Wall Street para as suas acções e apolices.

"Que acontece, então, quando a esposa, esfalfada dum dia de trabalho diante das objectivas e das luzes, começa a contar ao seu heroe os horrores que passou no Studio? O homenzinho limita-se abrir a bocca com enfado e a perguntar á mulher se gostou do ultimo Film em que elle entrou. E' o bastante para uma troca de palavras azedas! "De quando em quando os artistas casam-se com gente que não pertence á profissão e ás vezes dão-se bem. Mas, na maioria dos casos, vem o divorcio. E' que o pessoal do Cinema está tão identificado com o meio em que vive que nada mais lhe interessa. Só fala em fitas, e, por isso, a actriz e o seu marido industrial, quando se dispõem a conversar um bocado, não têm assumpto. Elle nada sabe a respeito das coisinhas do Studio, ella não sente o minimo enthusiasmo pelo que se passa no mundo dos negocios. Não é possivel viver assim. Nasce a "incompatibilidade" e o juiz resolve o caso da melhor maneira, divorciando amavelmente os dois.

"Acho, no entanto, que o casamento entre artistas tem as suas compensações. Emquanto o amor dura, por exemplo, o matrimonio dos artistas é uma coisa estupendamente romantica. Tudo na vida do actor é intenso, concentrado, e dahi a extrema sentimentalidade do periodo que se convencionou chamar "lua de mel". Mas a lua de mel não dura sempre. Os actores parecem visceralmente incapazes de se adaptarem áquella affectuosa convivencia conjugal, que se prolonga pelos annos fora, depois de passado o romantico e fugaz periodo do amor.

"Ha outra solução, que muita gente suppõe genial. E' a actriz casar-

(Termina no fim do numero)

Abaixo o casamento! Não acredito no casamento! Palavras de Jeanette Mac Donald... Fita...

TIRA, a ondulante dansarina da "Revista Maravilhosa, de Bill Barton, tem, na palma de sua mão, cada homem que ella encontra, e maneja-os de fórma a conserval-os em tal posição. Seu trabalho theatral, devemos dizer, é dansar o "mid-way", uma combinação de "hula", do "shimmy", do "hootchy-hootchie" e da "rumba", essas dansas que parecem ter nascido á luz ardente dos tropicos.

E a ultima conquista de Tira é Slick, que explora uma concessão de jogo para o carnaval, individuo tão intensamente ciumento que não permitte á dansarina sahir com outro qualquer homem.

Mas certa vez, depois do espectaculo, Tira encontra um antigo amigo, carregado de diamantes, pedras que ainda continuam a ser a grande fascinação de Mae West, real e Cinematographicamente, e leva-o para o seu appartamento no hotel. Sabedor do facto, Slick invade o aposento e, na lucta, domina o ricaço despojando-o de seus diamantes.

Infelizmente, o golpe lhe sáe desfavoravel. E' preso e Tira é accusada de cumplicidade. Para financiar sua defeza, a dansarina tem de tomar dinheiro emprestado a Bill Barton, em troca de sua promessa em apparecer em um novo e rapido quadro da revista, mettendo sua cabeça na bocca de um leão domesticado como o maior "climax" da peça. E com o auxilio de Barton a accusação contra ella é levantada, ainda que Slick consiga uma pena de prisão por dois annos.

O novo numero de Tira é um tremendo successo, chovendo as offertas em cima de Barton, que as acceita. E como recurso de publicidade, o empresario segura a vida da dansarina em 100 mil dollars, annunciando-a como "a belleza de um milhão de dollars".

Uma noite, uma multidão de gente da sociedade vae a seu camarim, para conhecer Tira. Entre os visitantes acham-se Kirk Lawrance e sua noiva Alicia. Logico é que o rapaz sente-se cahido de amores pela dansarina, cumula-a de presentes e acaba esquecendo sua noiva.

Mas Jack Clayton, socio de Kirk, vendo a situação, procura Tira e pede-lhe que dê a liberdade a Kirk, para que este possa casar com Alicia. A sensual dansarina, que nunca se interessou seriamente por Kirk, voluntariamente concorda com a proposta, já achando que Clayton é bem mais fascinante.

Duro com duro não faz bom muro. Porém, Clayton se rende completamente aos encantos de Tira e ambos são tremendamente felizes. Esta alegria, entretanto, não é partilhada pelo empresario Barton porque, si o casamento fôr avante, elle perderá sua machina de dinheiro. Sahido da prisão, Slick se junta a Barton afim de formarem um plano que impeça o casamento.

Santa, não sou

(I'M NO ANGEL) — *Film da Paramount*.

TIRA . . . . .MAE WEST
JACK CLAYTON . . . . .CARY GRANT
BILL BARTON . . . . . .EDWARD ARNOLD
SLICK . . . . .RALF HAROLDE
ALICIA . . . . .GERTRUDE MICHAEL.

Emquanto Tira se ausenta do appartamento, elles convidam Clayton, arranjando as cousas de maneira a que o rapaz encontre Slick no aposento. Assim que Clayton abre a porta, elle descobre Slick em intimidade com a esposa de Barton, extremamente parecida com a dansarina.

Enganado, Jack Clayton desfaz o noivado, ausentando-se, e Tira, sem exito nas suas buscas para encontral-o afim de dar-lhe uma explicação do acontecido, resolve accional-o por quebra de promessa, pedindo 300 mil dollars de indemnização. A demanda é sensacional. Tira examina pessoalmente todas as testemunhas e quando estas experimentam revelar sordidos detalhes de sua vida passada, ella revolta-se, apoiada pela sympathia do jury. E Clayton concorda em pagar a indemnização.

Mas apesar de tudo isso o empresario Barton não consegue seus objectivos, pois que Tina insiste em deixar seu theatro. Para receberem o dinheiro pelo qual a dansarina estava segurada, Barton e Slick planejam assassinal-a, substituindo por um animal feroz o leão domesticado com o qual ella usualmente trabalha.

Já em scena, descobrindo a troca, Tira bravamente resiste á fera. E justamente na occasião em que esta dá o seu mortal salto, Tira vê a rancorosa face de Barton fóra do "ring" e dispara sua arma por tres vezes. Duas balas matam o leão e a terceira, ligeiramente desviada, abate o empresario.

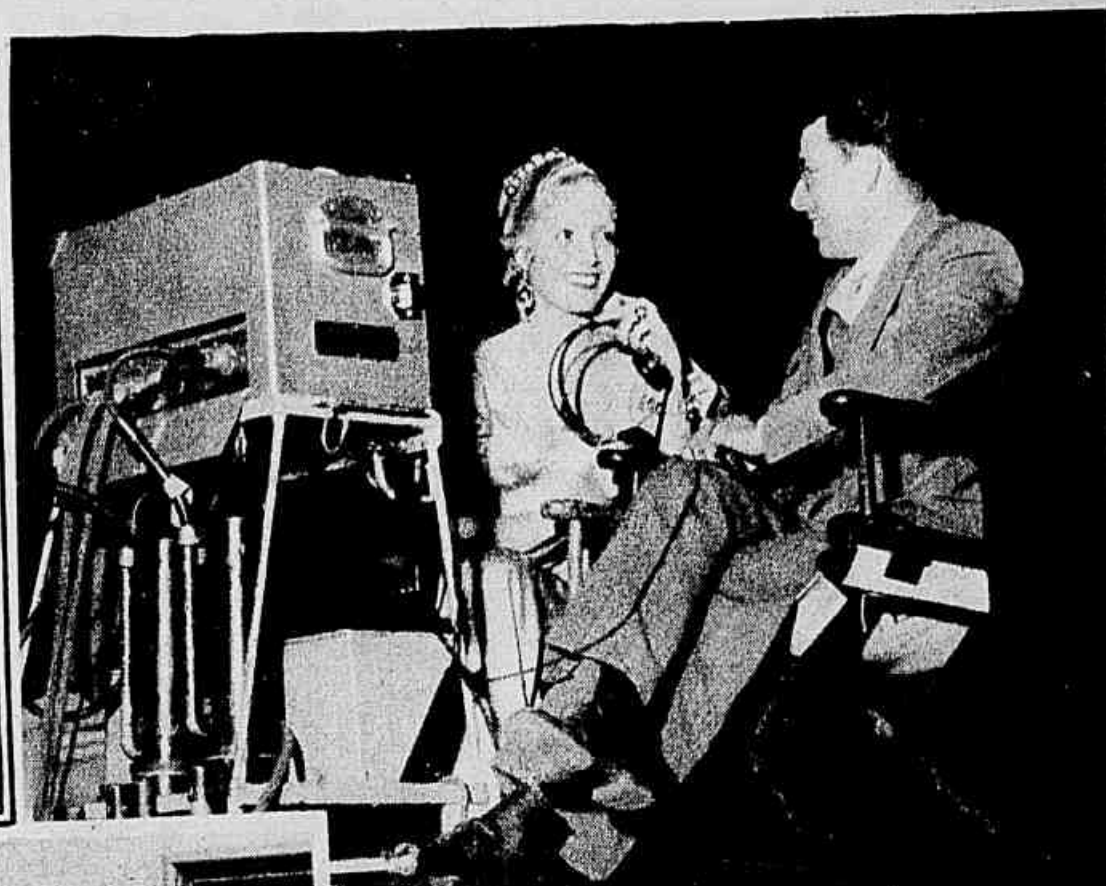
Como Jack Clayton leia as noticias da milagrosa salvação de Tira, a esposa de Barton vae a seu appartamento e diz-lhe a origem dos factos que motivaram a briga delle com a dansarina, factos nos quaes ella teve participação.

Jack corre ao hospital para pedir perdão á Tira, ficando o "record" desta, portanto, inalterado — ella retem o seu amado.

Alguns Cinemas do interior da Bahia e respectivas localidades: Alagoinhas, Popular; Alcobaça, Alcobaça; Amargosa, Perola; Andarahy, Sempre Viva; Aratuhype, Sant'Anna; Areia, São Salvador Barra, São João; Barreiras, Ideal; Belmonte, Rio Branco; Bomfim, São José; Cachoeira, Cachoeirano; Caculé, Caculenense; Caetité, Iris; Cannavieiras, Guarany; Caravellas, Caravellas; Castro Alves, Odeon; Cayrú, Cayruense; Correntina, Correntina; Conquista, Conquista; Cruz das Almas, Ideal; Djalma Dutra, Urano; Ipirá, Sant'Anna; Itabuna, Ideal e Elite; Itaberaba, São Luiz; Itaparica, São Lourenço, Jacobina, Jacobinense; Jacaracy, Municipal; Jequié, Polytheama e Italo-Brasileiro; Feira de Sant'Anna, Sant'Anna; Jaguaquara, Jaguaquara; Joazeiro, Ideal; Maracás, Elite; Muritiba, Italo-Brasileiro; Maragogipe, Lourdes; Mundo Novo, Universal; Nazareth, Rio Branco e

Popular; Nilo Peçanha, Santo Antonio; Paripiranga, Excelsior; Poções, Gloria; Pojuca, Brasil; Rio de Contas, São Carlos; Ruy Barbosa, Ideal; Santarém, Ocire; Santo Amaro, Santo Amaro; São Felix, Avenida; São Gonçalo, Ideal; Taperoá, Taperoá; Valença, Valença e Recreativo.

CONCHITA
E
TITO DAVIDSON

Conchita Montenegro em "Masquerade"

JOHN BOLES VISITANDO CONCHITA NO "SET".

A HEROINA DO FILM DE ROULIEN.

CONCHITA E ANDRE' DE SEGUROLA.

QUEM FOI LILYAN TASHMAN

O prototypo da creatura mais elegante do mundo, sem contudo ser vaidosa.

Assim era Lilyan Tashman. Lilyan Tashman começou a ser notada pelos "fans" brasileiros no papel de "Prazer", daquelle Film Paramount — "Experiencia" — o segundo "Bello Sexo" (lembram-se deste?) que a marca das estrellas produziu, com Dick Barthelmess, Nita Naldi, e outros. E foi um prazer que o "Prazer" de Lilyan nos proporcionou. A sua personalidade nova, differente, curiosa, fez successo.

Mas o seu Film de estréa no Cinema, nós o vimos, mais tarde — "Nellie, a flôr da moda", da Goldwyn, quando em Culver City ainda não haviam leões...

Fazia uma "vampiro" e do seu successo diz bem o interesse que todos os Studios começaram a tomar por Lilyan. Appareceu em "Escravisada", da Paramount, ao lado de Gloria Swanson: "Amor sincero e amor leviano" da Warner Brothers; "Garden of Weeds", tambem da Paramount.

Em 1926, Lilyan era a convida de honra de todas as festas de Hollywood. Uma festa a que a fascinante loura não comparecesse, era uma festa "morta", seu espirito, seus vestidos, suas joias, sua alegria, eram indispensaveis.

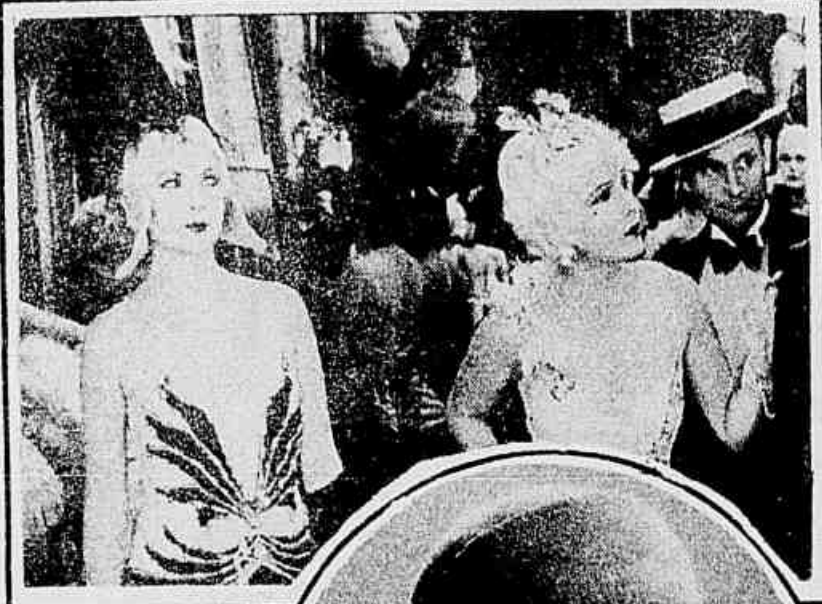
A aristocrata e refinadissima Lilyan nasceu no pouco elegante bairro de Brooklyn, em New York. O ar que ella respirou não foi embalsamado por faras essencias, mas sim por tomate, repolhos e gente pouco perfumada...

Brooklyn é o typo da cidade respeitavel, cheia de "Babitts" e mexeriqueiros, mas Lilyan, desde pequena foi uma creatura "rafinée" e naquelle meio vulgar e provinciano em que vivia, era tida como "exotica"...

Ella lamentava não ter nascido em Bangkok ou na India, educada em ambientes de luxo nababesco... depois ser enviada para um convento na França, de onde fugiria para

"The Road To Reno.

Nos tempos da Paramount...

"Noites de New York".

"A mulher faz o marido".

"Mordedoras".

VALENTINO embarcou para New York sem saber que não voltaria mais a Hollywood...

Lilyan Tashman deixou Hollywood tambem para nunca mais voltar, quando foi a grande cidade, trabalhar num Film. Filmou e dias depois deixou New York na grande viagem... para nunca mais ver a Broadway onde tantas glorias colheu e onde conhecêu o marido mais feliz de Hollywood...

Valentino tambem terminou um Film pouco antes de morrer, até nisso a sua morte se parece com a da mulher mais elegante do Cinema.

Num Studio que recorda dias aureos do velho Cinema, o da "Biograph", a esposa de Edmund Lowe, despediu-se das cameras e dos microphones. Uma producção de Chester Erskin, dirigida pelo mesmo para a All Star Productions — "Frankie and Johnnie" — eis o ultimo Film de Lilyan. Tinha no elenco, nomes conhecidos da actual Hollywood: Chester Morris, William Harrigan, aquella estupenda cantora de "blues" — Helen Morgan, e uma figura da outra geração Cinematographica, de que só os velhos "fans" se recordam — Florence Reed. Aquella artista admiravel que emocionou o nosso publico no velho "Odeon", no celebre Film "Noivado tragico" e depois o do Cine-Palais em "Paginas do presente, Paginas do passado"...

Foi o "good-bye" da loura "vampiro" que tão bonita e fascinante, estava, semanas atraz, na tela do Pathé-Palacio, seduzindo Jack Oakie em "Cocktail musical" e na tela do Odeon, com Charlie Ruggles e Mary do Boland em "A mulher faz o marido"...

Perde o Cinema uma das suas figuras mais interessantes e a Moda uma das suas mais fieis interpretes. A mulher que dizia que um salto de sapato gasto, compromettia uma mulher elegante... e que quando se trata de vestir, a mulher deve ter carinhos exaggerados com as roupas...

A mulher que dizia que uma das cousas mais importantes na vida de uma mulher, é ter o desejo de ser bonita em todos os momentos...

"Siberia"

"Millie".

"Paris é assim..."

Com Marie Prevest no Studio da Metropolitan, antigamente.

"Experiencia", com Nita Naldi, que fazia a "Tentação"

O casal feliz.

estrear num theatro da seductora Budapest...

Mas tudo isto eram sonhos romanticos da romantica Lilyan.

Nascida em Brooklyn e ahi educada, Lilyan teve a sua vida mudada durante um chá.

Os chás, ás vezes, mudam o destino das nações, quanto mais dos mortaes. Vejam só o que o "five ó clock tea", fez para o conceito da elegante Inglaterra. E não foi o chá que collocou o Ceylão no mappa mundial?

Lilyan estava estudando para ser uma professora. Imaginem Lilyan dando aulas!

Certa tarde, depois das aulas, Lilyan foi convidada para um chá. E quem é que havia de estar lá? O fallecido Florenz Ziegfeld, o grande descobridor de bellezas, um homem que notaria em Lilyan o que outros ainda não tinham reparado...

— Quem é aquella loura ali? — perguntou elle á dona da casa.

Foi assim que Lilyan Tashman entrou para o "Follies".

Naquella occasião, Nita Naldi, Jacqueline Logan, Helen Lee Worthing e muitas outras eram as grandes attracções do "show".

Mas quando Lilyan entrou em scena, transformou-se no maior encanto das "Follies" e chegou a ficar conhecida em New York, como a "Borboleta da Broadway".

E foi ahi que ella conheceu Edmund Lowe... Isto é — elle é que conheceu-a e sentiu por Lilyan o que nenhuma das suas namoradas lhe fizera sentir — um amor differente.

Paixão verdadeira e sincera. Nessa occasião, tambem trabalhava nas "Follies", a loura famosa dos casamentos — Peggy Hopkins Joyce. Mas Edmund, não a viu nem as outras, porque desde o seu primeiro olhar em Lilyan, sentiu-se preso por uma extranha força á personalidade da sua futura esposa...

Edmund que, nesse tempo trabalhava no theatro e no Cinema (elle foi uma das descobertas do grande Thomas Ince), iniciou o lindo romance com Lilyan. Em pouco tempo estavam noivos.

Um dia Lilyan scismou que era uma artista formada. E assim cahiu no palco, representando papeis de "cavadora". E trabalhou nas "As mordedoras", que depois a Warner Filmou.

Foi assim que ella, certo dia, trabalhou no palco, ao lado de Eddie. A esse tempo, elle resolveu dedicar-se exclusivamente ao Cinema e foi para Hollywood. E a flor nocturna da Broadway, empacotou seus deslumbrantes vestidos e foi tambem para a California.

Ella ao chegar era uma principiante como qualquer "extra", mas possuia algo que nenhuma "extra" tinha: um ar de distincção unico, a elegancia metropolitana e radiante linha.

E ambos começaram a trabalhar na Goldwyn. Foi ahi que elles trabalharam juntos pela primeira vez no Cinema, no Film "Nellie, a flor da Moda". Mais tarde trabalharam em "Portos de escala", no Studios da Fox e annos depois em "Siberia", da Fox — e — "O amor é cego", da First National. Em "Siberia", a heroina era Alma Rubens; em "Amor é cego", Colleen Moore e neste, Lilyan fazia uma "Vampiro" que tentava conquistar o seu marido na vida real e não conseguia... lembram-se? Eddie e Lilyan appareceram juntos tambem no "Barba azul", da First Nat.

"Prá que casar?"

O inicio do romance de Lilyan e Edmund, não foi propriamente amor. Admiração (elle admirava a "girl" de Ziegfeld, Lilyan admirava a arte do actor Edmund Lowe) e amizade á primeira vista, caracterisou o começo do namoro dos dois.

Em 1925, casaram-se em Hollywood. E o casamento foi felicissimo para ambos. Viveram felizes até o instante que os olhos claros, tão bonitos de Lilyan Tashman, cerraram-se para sempre num hospital de New York.

Eddie dizia que orgulhava-se de ser casado com Lilyan. — Imaginem uma mulher que vive comnosco por amor, e não pela garantia de ter o marido, um meio de vida seguro! — dizia Edmund.

O casal tinha um accordo interessante: Lilyan pagava todos os seus vestidos e Eddie pagava as despezas do lar...

"Bancando o Lord".

The Mad Parade.

No tempo do "Follies" quando começou o romance com Eddie Lowe, Lilyan era assim...

"Leathernecking".

Lilyan gastava sommas enormes nas suas famosas toilettes e só em chapéos tinha uma fortuna.

Lilyan veiu para Hollywood com a idéa de que se não fizesse successo em tres mezes, voltaria para a Broadway. Mas fez successo. Hollywood ficou encantada com Lil. E Lil ficou.

(*Termina no fim do numero*)

"Alvorada rubra", "Crime á hora certa", e lá no canto — "Coristas seductoras".

Cinema de Portugal

(De J. Alves da Cunha, correspondente de "Cinearte").

O Cinema Portuguez continua na sua já tradicional marcha ronceira. Um Film de tempos a tempos e muito satisfeitos nos devemos sentir ao ver fazer-se qualquer coisa. Nada, era peor. E depois, nunca acalentamos a esperança, aliaz chimérica, de a producção portugueza nos elevar a um ponto de rivalidade quantitativa com a Cinelandia, ou mesmo com qualquer dos paizes europeus de mais intensa actividade.

Os Films produzidos em Portugal, não só são poucos, mas levam ainda mezes a ser dados á luz da exhibição. As razões porque uma producção geralmente demora bastante a ser concluida, são varias: de ordem technica, de ordem financeira, etc.

Depois de "A Canção de Lisboa", espera-se por "Gado Bravo", adiado de mez para mez, a despeito das suas Filmagens se acharem terminadas e da espectativa Cinephila ser das melhores que se têm observado na historia do Cinema nacional. Toda a gente aguarda com ansiedade, convencida de que qualquer coisa de bastante apreciavel será, o Film de H. da Costa.

A Tobis Portugueza não manifesta ainda uma animação, como desejariamos numa empresa que se gaba de bem organizada; todavia parece estar decidida a realizar a segunda producção dentro de pouco tempo e a qual será adaptada do famoso romance de Camilo Castelo Branco "O Amor de Perdição" feito Film ha uns qunze annos pela Invicta Film do Porto e exhibida nesse tempo no Brasil.

Ignora-se por emquanto quem serão os interpretes e o director da futura pellicula, mas já alguns elementos da imprensa Cinematographica portugueza começaram a manifestar o seu desagrado pela escolha do assumpto alegando que elle só servirá para reevocar um velho romantismo improprio da epoca actual e mostrar uns fadinhos, a doentia canção nacional, que será uma exploração para as camadas baixas e consequentemente um Film pouco agradavel para ser exportado. A meu ver, a predilecção da Tobis Portugueza pelo popular romance de Camilo, revela acima de tudo as suas intenções commerciaes, pois, de ante-mão se sabe o exito de tal pellicula que atrahirá o grande publico portuguez e até possivelmente o brasileiro. Essas intenções da Tobis parecem-me plausiveis numa firma productora em embrião e para a qual as primeiras pelliculas devem constituir receita financeira incapaz de a levar á fallencia. Os amores de Mariana e Simão Botelho, são sem duvida uma atração.

De resto, não se sabendo ainda a cargo de quem serão confiados os papeis e a direção do projetado Film, toma um aspecto de antipathia é de má intenção qualquer ataque augurando-lhe desastre.

Dentro do thema a explorar, póde-se fazer evidentemente um Film de qualidades artisticas... Por aqui, sim; está bem que se chame, attenção da Tobis Portugueza para o cuidado directivo. Não devemos esquecer que ha sempre dois pontos a encarar por qualquer firma productora: o artistico e o commercial. E os dois bem conjugados satisfazem sempre toda a gente. No que diz respeito á producção Cinematographica em Portugal e acrescentando-se que Leitão de Barros pensa voltar brevemente á actividade dirigindo "A Balada de Coimbra", nada mais ha a crescentar. Fica assim focado o momento actual do Cinema no nosso paiz.

Uma nova companhia chegada ha dias ao "Theatro Sá da Bandeira" do Porto para a representação da revista **Arraial**, offerecia aos cinephilos tripeiros este interesse particular: além de Dina Tereza (a feliz interprete de A Severa) e de Antonio Silva (o celebre alfaiate de "A Canção de Lisboa") faziam parte do seu elenco mais tres artistas do nosso Cinema. Eram ellas: Rosa Maria, a protagonista de "Maria do Mar"; Saur Ben Hafid, de "Nua"; e Dina de Vilhena de "Campinos do Ribatejo." Os dois primeiros, antes de se encarregarem de papeis Cinematographicos trabalhavam já no theatro. As tres ultimas, a que me refiro especialmente, é que tendo debutado no Cinema, como artistas pela primeira vez, passaram á actividade sobre o palco.

A escassez da nossa producção e a fraca orientação que sempre preside á selecção dos elencos das nossas pelliculas, não se aproveitando geralmente artistas já com alguma experiencia, obriga-as a procurar manutenção no theatro. Todavia, estão sempre ansiosas por voltar a actuar ante a objectiva Cinematographica que lhes deu o baptismo de artistas e continuam aguardando confiadas, outro director que se lembre de aproveital-as novamente.

E entretanto no theatro, que constitue uma escola que só poderá ser-lhes util em futuros trabalhos no Cinema, conseguem não deixar esquecer os seus nomes.

Joan Crawford, a venus americana, disse ha pouco tempo a um jornalista que, em seu entender, não havia nada de melhor para uma artista de Cinema, do que trabalhar de quando em quando numa peça theatral. E tem razão, em face da nova modalidade do Cinema. Uma escola pratica de theatro prepara melhor e ajuda a artista para desempenhar nos Films com mais aptidão.

* * *

A "Tobis Portugueza" apresentou um bello documentario cultural intitulado "Os Sifões de Alviela", dirigido pelo engenheiro P. Brito Aranha e photographado pelo operador Cesar de Sá. Lindas imagens e uma "montagem" excelente.

Rosa Maria que já vimos em "Maria do Mar" como apparece na revista "Arraial"

* * *

A apresentação de "Gado Bravo" foi adiada para fins de Março corrente.

"Europa"

(CONTINUAÇÃO)

A producção franceza é intensa. O governo, como já dissemos, ajuda-a muito mas por outro lado o Cinema Francez lucta com a questão das taxas, o que muito prejudica productores e exhibidores.

E' grande o numero de Studios francezes e nelles são feitas as "doublages" dos Films estrangeiros, fornecendo assim trabalho á grande numero de artistas e technicos.

Os Studios são em geral alugados aos productores independentes. A Pathé Nathan tem Studio em Joinville e na Rue Francoeur. A Eclair e a Tobis possuem os seus em Epinay.

A G. F. F. A. tem um em La Villette e outro em Nice. A Paramount mantem um Studio em S. Maurice mas não está produzindo nesta temporada. Um productor independente Filma, ahi, "Fedora" com Marie Bell, sob a direcção de Louis Gasnier e a Paramount distribuirá. Parte de seu Studio está alugada á Fox-Europa. Esta, sob a direcção de Erich Pommer compõe-se de duas producções: a Pommer, com 3 ou 4 Films por anno, dois dos quaes são "Liliom" com Charles Boyer e "Music in the Air" com Lilian Harvey e Henri Garat.

A producção-Fred Bacos: 8 Films por anno (actualmente "Un fil a la patte", com a Spinelly). A Fox tem um Studio na Porte de Saint Ouen para a "doublage" dos seus Films.

Os Films francezes, mesmo dominando o mercado interior não têm, relativamente, um grande reflexo no exterior. Comtudo, no meio da sua producção normal de "vaudevilles", surgem cada mez um ou dois grandes Films que marcam successo no estrangeiro — como o "14 Juillet" de René Clair conseguiu nos Estados Unidos. Ultimamente Paris applaudiu "Madame Bovary" (com Valentine Tessier) "La Rue sans nom" (Pola Illery) "La femme ideale" (René Lefebvre) "La Bataille", "Les Misérables", todos considerados Films da "classe internacional".

Na Allemanha, os Studios da Ufa em Neubabelsberg são os mais perfeitos. Ella tem uma producção consideravel, bastante popular na Europa Central e além da normal, faz versões francezas de quasi todos os seus Films. Ha pouco apresentou em ambas as versões: "Au bout du monde", "La guerre des valses", "Un jour viendra..." E os Films originaes em francez: "George e Georgette" e "Tambour Battant".

Em Filmagem estão "Le roi du mont Blanc" producção de Carmine Gallone com Jan Kiepura. "L'Or" com Briggite Helm. "Princesse des Czardes" com Meg Lemonier. "Freudin eines grossen mannes" onde Paul Wagener volta ao Cinema como director. Existem outros Studios, sendo um dos principaes os da Boston Films, em Munich.

A Russia é dona absoluta de seu mercado interno. Mas o reflexo de suas producções no exterior não chega a ser equivalente. Seus Films são para o interesse local ou então, platéas muito limitadas. "Okraina", uma producção russa apresentada nesta temporada em Paris, comtudo teve o seu successo.

A producção austriaca ultimamente anda fraca. Mas ainda apresenta bôas cousas como a Sacha de Vienna que agora lançou o Film musical baseado na vida de Schubert: "Symphonie Inacheveé" com Martha Eggerth. Esta pellicula alcançou notavel successo no Studio L'Etoile em Paris e tem feito barulho na Europa. A Polonia tem a sua industria num franco desenvolvimento. Novos capitaes estão revivendo os Studios e a producção é protegida por uma lei de "quota". Na Tcheco Slovaquia foram exhibidos 11 Films nacionaes no anno findo. Tem bons Studios e nelles Tourjansky esteve fazendo o seu grande espectaculo falado: "Volga en flammes!" com versões em diversos idiomas. Na Hungria o movimento tem estado quasi completamente parado. Este anno, porém, a City-Film de Paris em associação com a Hungria-Film de Budapest vae fazer um grande Film musical: "Rapsodies Hongroises", baseado na vida de Liszt.

A Hespanha produz mas em pequena escala. Ella tem Studios em Madrid e Barcelona. Lá estão trabalhando agora, os artistas que em Hollywood fizeram varias versões hespanholas: Juan de Landa, Maria Badron de Guevara, Miguel Ligero, Juana Alcaniz e outros. Lá tambem está o conhecido director D'Abbadie D'Arrast que vae produzir num Studio hespanhol, um Film com sua esposa Eleanor Boardman e a interessante Hilda Moreno.

A Italia tem uma producção mais ou menos regular. Possue a Pittaluga, a Caesar Films, a Cines, a Littoria e outras empresas com bons Studios. Todos os Films estrangeiros são apresentados em versões "doublées" em italiano. Uma lei prohibe os Films falados em outro idioma. Esta estatistica abaixo, tirada do "Il Cine Italiano", dá uma idéa do estado actual da producção na Italia.

Em 1932: 20 Films italianos foram exhibidos contra 51 francezes, 47 allemães e 152 americanos. Em 1933: 31 italianos foram exhibidos contra 41 francezes, 53 allemães, 11 inglezes, 163 americanos e 1 austriaco.

A Cines Pittaluga está actualmente em grande reorganisação. Paolo Giordano, director de varios circuitos de Cinemas, foi nomeado presidente desta companhia e promette uma producção regular.

Voltaremos mais tarde a falar no Cinema italiano.

— —

"Les Miserables", uma nova versão falada sobre a obra de Victor Hugo, é considerado em Paris, um dos maiores Films francezes da actualidade.

Magda Schneider, que já vimos em "A Voz do meu coração", é agora a estrella de "Amor an der Leine", da Ufa.

Sua estréa deu-se a 3 de Fevereiro no Marignan-Pathe-Nathan e essa noite foi considerada um dos maiores triumphos para o Cinema Francez. Facto unico nos annaes Cinematographicos este espectaculo foi uma verdadeira evocação ás representações wagnerianas de Beyrouth, pois não durou menos de 5 horas. Depois da "soirée", uma ceia reuniu os convidados de Bernard Nathan e terminou ás 6 da manhã.

A "première" foi assistida por tudo quanto Paris conta de personalidades em renome, constituindo sem duvida um dos "great events" da estação e o maior acontecimento Cinematographico destes ultimos tempos em Paris.

Harry Baur, Florelle, Charles Vanel, o productor Nathan, o director Raymond Barnard e todos os outros componentes do Film, foram objectos de uma ovação que durou muitos minutos.

Póde-se dizer que raras vezes a critica foi mais optimista e enthusiasmada.

"Les Miserables" é uma admiravel prova da vitalidade do Cinema Francez" — diz um critico da Cidade-Luz.

A producção compõe-se de tres Films, devido a grande extensão da obra. "Une tempête sous un crâne" com duas horas de projecção, "Les Thenardier" e "Liberté, Liberté chérie!" ambos com hora e tanto. O primeiro Film foi o que mais impressionou pelas suuas nuances dramaticas contrastando com um delicioso sentimento. Pelo trabalho de Harry Baur que como o Valjean, domina o Film conduzindo-o ao successo com sua personalidade poderosa. E pela creação vibrante de Florelle, como Fantine. O elenco todo, aliás, foi muito louvado. Josseline Gael, uma deliciosa e suave Cosette. Charles Vanel, Marguerite Moreno, Max Dearly, Orane Demazis, etc. A technica foi considerada magnifica, salvo um abuso de angulos tortos. O enterro do general Lamarque, as barricadas de Paris, e a corrida pelos esgotos no terceiro Film, fizeram os parisienses vibrar. Cada Film tem o seu caracteristico proprio, o seu valor especial mas harmonisa-se perfeitamente ao precedente ou ao que succede.

Não foi, comtudo, considerado um Film perfeito. Entre seus defeitos, além do abuso já citado, nota-se que a reproducção visual de uma tempestade no cerebro de Jean Valjean, foi uma scena um tanto deficiente, um monologo muito lento.

"Mas — continúa o critico — "pelo sujeito abordado (todos conhecem a extensão e a complicação das obras de Victor Hugo) por sua direcção, pela sua metragem, "Les Miserables" é considerado o Film mais importante que os Studios francezes produziram desde o inicio do Cinema falado e representa o mais formidavel esforço Cinematographico realisado em França, até o dia de hoje. E' digno de ser exhibido no exterior, para marcar no mundo inteiro o valor do Cinema Francez".

O Film foi feito parte nos Studios da Pathé Nathan em Joinville, parte em exteriores e parte nas grandes montagens construidas nos arredores de Antibes, reconstituindo o velho Paris de 1832.

A "première" de "Les Miserables" em Bruxellas constituiu um facto singular, por ter sido este Film, o ultimo espectaculo do mallogrado soberano belga, Alberto I. Na vespera de sua morte, S. Magestade assistiu a "soirée" de gala no Marivaux de Bruxellas e pediu ao representante da Pathé Nathan para lhe exhibir no dia seguinte as duas outras partes do Film, juntas. A imprensa franceza declara que o Cinema perdeu em Alberto I um grande amigo e admirador. Sua Magestade vinha frequentemente a Paris e, incognito, corria os Cinemas do boulevard das 10 da manhã até á noite, quando o trem o levava de volta a Bruxellas e ao seu cargo real.

A "première" mundial de "Catherine the Great", a nova producção da London Film, interpretada por Elizabeth Bergner, Douglas Fairbanks Jnr., Flora Robson, Diana Napier, Joan Gardner e Gerald Du Maurier — teve logar em Paris.

A "soirée" de gala no Cinema des Miracles foi outro grande acontecimento da estação. A diplomacia, a politica, as letras e as artes estiveram representadas de maneira brilhante.

Douglas Fairbanks Jnr. avisado tardiamente em Hollywood da "première" mundial, só teve o tempo necessario de tomar um avião para New York e ahi pegar o "Ille de France" — o que lhe permittiu chegar em Paris, a tempo para comparecer ao "oppening" de seu Film.

No fim do espectaculo, Douglas subiu ao palco e apresentou á platéa... a voz de Elizabeth Bergner que, pelo telephone, falou de Londres ao publico parisiense.

O acolhimento á obra de Paul Czinner e Alexander Korda foi caloroso quer por parte do publico ou da critica.

"Obra sumptuosa, cheia de optimas qualidades e onde se affirma o valor de uma direcção" — diz uma dellas.

"Depois de *Henry VIII*, *Catherine the Great* pareceu-nos mais pomposo, mais solemne, mais historico em summa. E' um Film destinado a seduzir e encantar o publico, ao menos que seja pela personalidade e a arte de sua admiravel protagonista — Elizabeth Bergner, que interpreta Catharine II com extraordinaria subtileza e vida.

"Os ambientes são magnificos a athmosphera historica é notavel e as scenas succedem-se perfeitas Douglas Fairbanks Jnr. — ó surpresa — interpreta o Czar Pedro com notavel relevo. Flora Robson faz com originalidade a imperatriz Elizabeth.

Houve muita tendencia em observar a pellicula com o pensamento preso á precedente obra da London Film.

(*Continúa na pagina 43*)

O segredo de Joan Crawford

(FIM)

"As cartas, sem falhar nunca, acompanharam-me de New York até Hollywood. Ray aconselhava-me a poupar dinheiro, indicando-me as melhores maneiras de economizar. Nunca se esqueceu dum Natal ou do dia do meu anniversario. Nunca se esqueceu de nada que pudesse contribuir, dum modo ou de outro, para a minha tranquillidade, para o meu bem estar, para o meu exito, como actriz ou como mulher.

"Um bello dia, escrevi-lhe que me ia casar com Douglas Jr.

"Não sei explicar como aquillo foi. Talvez por causa da longa separação... Duas pessoas cheias de ambições, a trabalharem longe uma da outra, cada qual a construir a sua vida... Em summa, eu era jovem, estava distante... Enamorei-me de outro, e acabou-se...

"Depois de escrever aquella carta a participar o meu proximo casamento, a carta mais penosa que até hoje escrevi, não tornei a ter noticias de Ray por espaço de *tres mezes*. Foi a primeira e unica vez.

"Quando me convenci de que o meu amigo não me tornaria a escrever, experimentei uma emoção terrivel. Tive a impressão duma perda irreparavel, como se um ente que me fosse muito querido acabasse de morrer, de repente, tragicamente. Mandei-lhe uma carta, dando-lhe conta do meu soffrimento.

Douglas tambem lhe escreveu. Eu contara toda a historia a meu marido, descrevendo-lhe o caracter de Ray, a sua nobreza e a sua bondade. Depois disse, os dois corresponderam-se ainda por espaço dum anno.

"Bem. Ray voltou a escrever-me. Levara tres mezes para se habituar á idéa do meu casamento. Continuou a escrever-me com regularidade, mas agora parecia *que faltava qualquer coisa nas cartas*. O tom era outro e Ray já não me dava aquelles conselhos de amigo. Terminava as cartas com phrases como esta: "Cuidado com os automoveis"...

"Elle bem comprehendia que a situação entre nós dois mudara radicalmente. Não queria melindrar ninguem...

"Durante os tres annos que estive casada com Douglas, fui ao E'ste algumas vezes em companhia de meu marido. Sempre paravamos umas duas horas em Chicago e, um dia, depois de tantos annos, tornei a ver Ray. Mas estava casada, a vida dera tantas voltas e por tanta coisa haviamos passado, que quasi não nos conhecemos.

"Apenas ficamos sós por espaço de tres minutos. Ray disse-me: "Não mudaste, não, Billie?". Respondi: "Não, Ray, não mudei".

"Pergunta e resposta que, á primeira vista, não parecem muito comprehensiveis; eu porém bem sabia o que o meu amigo queria dizer. Elle pensava naquelle momento na menina de treze annos, que lhe abrira o coração, para lhe dar conta de todos os seus projectos e aspirações. Por isso me perguntou se ainda era a mesma... Respondi que sim e eis tudo.

"Nunca tive na minha vida amigo tão dedicado!

"E, mais tarde, quando comprehendi que me ia separar de Douglas, quando percebi que não havia mais *nada* entre nós, escrevi a Ray a esse respeito.

"Na noite em que a minha separação de Douglas veio a publico, Ray telephonou-me de Chicago. Queria saber se necessitava de falar pessoalmente com elle. Offereceu os seus prestimos, fosse para o que fosse, perguntou se reflectira bem sobre a minha situação, se sabia o que estava fazendo. Respondi que não me precipitara em nada e que tomara a minha decisão com toda a calma. Disse-lhe que, naquelle momento, não me podia valer em nada...

"Desde então, Ray voltou a escrever-me *no mesmo tom de outros tempos*. Já não falta *coisa alguma* nas cartas que me manda. Acabaram-se as pilherias. Já não ha uma terceira pessoa, que se possa melindrar...

"Depois de terminar "Amor de dansarina", espero ir a Chicago. Já pedi a Ray que me leve á Exposição. Sei que o meu velho amigo está um pouco receioso deste encontro, o nosso primeiro encontro verdadeiro, depois de tanto tempo. Penso que o assusta o medo de que aquella menina chamada Billie se tenha evaporado, deixando em seu logar uma estranha. Eu, porém, não tenho nenhum medo. Nunca serei uma estranha para elle!"

— Qual será o fim desta historia, que ninguem conhecia? pergunta o jornalista a quem Joan a contou.

A propria Joan diz que não sabe e quando o entrevistador indagou geitosamente se pensava em tornar a casar, a actriz quasi deu um pinote na cadeira, indignada.

— Nunca! As creanças que queimam os dedos não tornam a pôr as mãos no fogo!

— Qual! Talvez v. se case mesmo! Mesmo porque se não casar com Ray, a historia perde toda a graça!

Joan ficou calada. Um sorriso de esphynge foi a sua unica resposta.

Cinearte

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor nº 34 — Telephones: Gerencia: 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

EUROPA

(FIM)

"Henry VIII" foi um Film historico perfeito na sua maneira de observar a historia - sob um prisma de humorismo. Acreditamos que a formula dada por Korda ao seu "Henry" seja a ideal para o Film deste genero. E' preciso não levar muito a sério a Historia pois não se está muito certo se ella é veridica...

Mas no tom tragico, no genero dramatico, "Catherine the Great" é tambem um modelo de Film historico. E' uma producção de primeira ordem, uma obra brilhante, admiravel".

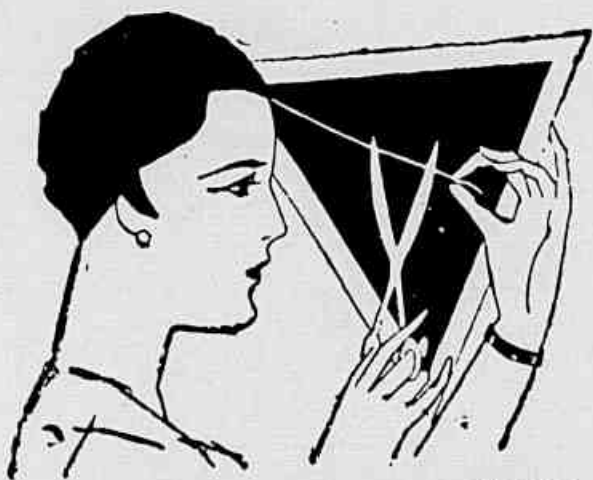
* * *

A "première" em Londres tambem foi sensacional. Deu-se no Leicester Square Theatre e na assistencia: representantes da nobreza, altas personalidades da aristocracia britannica, artistas, literatos, etc.

Entre os convidados: o Principe de Galles, a rainha da Hespanha acompanhada de Lord e Lady Carlsbrooke, o ex-rei George de Grecia, a duqueza de Malborough, Lady Diana Coopper, todo o estado maior da United Artists e London Film, Merle Oberon, Joan Gardner, Diana Napier, John Loder, George Grossmith, Douglas Fairbanks Jnr. etc.

Uma grande ovação foi feita a Douglas quando este subiu ao palco. Elizabeth Berger não poude comparecer pois nesta mesma noite representava uma peça no Apollo Theatre. O successo artistico e financeiro quasi ultrapassou o de "Henry VIII"...

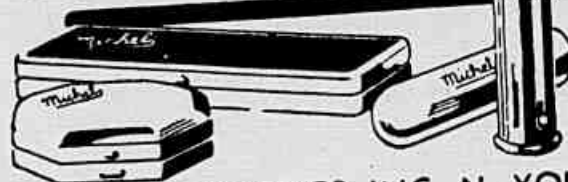
* * *

"La bataille", producção da Liano Film é outro grande Film francez ha pouco estreado em Paris. Eis o que disse sobre elle um critico parisiense:

"La Bataille" é um grande triumpho technico e artistico. Harmonisa muito bem os exteriores Filmados no Japão—os desfiles reaes da marinha japoneza — aos interiores e ás scenas dramaticas feitas em França.

A belleza photographica e dos ambientes, a personalidade dos artistas: Charles Boyer que faz admiravelmente o marquez Yorisaka. Annabella, uma deliciosa, fascinante Mitsouka. E John Loder um Fargan impeccavel, elegante e "racé". A direcção, tudo emfim fez de "La Bataille" um dos melhores Films francezes do momento e outra producção que podemos enviar com orgulho, ao estrangeiro".

De todas as opiniões sobre o Film, foi notavel a de Claude Farrère, o autor do romance.

Notavel porque revela um autor que não se vira contra o Cinema, um autor que acha o Film um magnifico espectaculo, declarando-se encantado com a adaptação e approvando todas as variantes feitas no seu texto.

Como os "fans" se recordam, "La Bataille" já teve uma versão silenciosa feita na França ha alguns annos e tendo como intreprete: Sessue Hayakawa e sua esposa Tusurú Aoki. A versão falada é uma realisação de N. Farias e Bernard Zimmer e tem tambem uma versão ingleza. No seu elenco, num papel secundario, encontramos o nome de Inkijinoff, o realisador de "Tempestade sobre a Asia..." La Bataille" será apresentada nesta temporada em Buenos Aires e Montevidéo. Chegará a vir até nós?

"Europa" continuará! Esta é apenas uma introducção e tudo um grande esforço de boa vontade de "Cinearte" e uma prova de nossa imparcialidade.

Os europeus, em geral, são avessos a publicidade e dahi a nossa grande difficuldade em conseguir notas e photographias.

As mulheres e os perfumes

(F I M)

mais no agrada. Em summa, chegamos ao fim destas pequenas instrucções sem transcrever nenhum verso, como teria o direito de recear a leitora, tratando-se de assumpto tão poetico e provocador, mas é opportuno recordar o que escreveu alguem, em inglez, invejando os perfumistas: "Negociar em perfumes é o mesmo que pertencer a um mundo de romance".

Abaixo o Casamento!

(FIM)

se e abandonar a carreira, trocando a profissão pelo lar. Mas tambem não serve. Existem excepções, já sabemos, mas eu estou convencida de que uma actriz verdadeiramente presa á sua arte não se sente feliz senão no meio de Cinema ou Theatro. Pelo menos, emquanto gozar do favor do publico.

"Mesmo aquelles cujas lutas e desillusões os levam a pensar que estão ansiosos por "largar tudo", vêm a descobrir um dia que o amor numa cabana, ou num palacio, não compensa absolutamente o encanto, a vibração, as emoções da vida theatral. Rarissimos serão os artistas a quem seduza a idéa de trocarem o fulgor das luzes e os applausos da multidão pela penumbra e tranquillidade do lar domestico.

"Em summa, sob qualquer aspecto que se encare o problema, o casamento apparece sempre como uma aventura muito perigosa. Não acredito nelle. Tenho medo".

Que faria a leitora, se fosse uma Jeanette Mac Donald, jovem, cheia de saude, feita para o amor? Que faria a leitora se fosse uma ruiva succulenta, de olhos verdes e na tempestuosa casa dos vinte? Se fosse uma mulher dessas que deslumbram os homens? Se tivesse um Romeu como Robert Richtie a perguntar-lhe a toda a hora: "Quando é que chega o nosso dia?" Não admira que Jeanette suspire.

Quantas vezes, entediada da fama Cinematographica, não se entristecerá ella, por já não ser aquella Jeanette de Philadelphia, que o jovem vizinho do lado levava ás festas populares do bairro allemão? E' talvez por isso, que Jeanette exclama:

— E' claro que quando digo que não acredito no casamento me refiro exclusivamente ao casamento entre gente da minha profissão. Para outras jovens, que vivem noutros meios, o matrimonio ainda continúa a affirmar-se como uma grande instituição. Deve ser uma belleza! Eu propria, depois de falar tanto, se um dia...

Esse dia virá fatalmente. Jeanette não nasceu para ficar solteira. Pode não acreditar no casamento por ora, mas sempre é bom ver para crer... Jeanette pode ter medo, mas não é covarde. Mais cedo ou mais tarde, tomem nota, Jeanette fará a felicidade dum homem, com grande desespero de muitos outros. Não será hoje, nem amanhã, mas virá o dia e Jeanette casará, ao igual de todo o mundo.

A roda que bebia as palavras da actriz dissolveu-se. Jeanette cahiu numa especie de devaneio, mas, nesse instante, surgiu Robert Richtie, hombros largos, cintura fina, nos labios um sorriso superior de Romeu moderno.

Jeanette olhou para elle e só disse isso:

— Agora, nós, por exemplo, bem podemos, no dia em que nos der na veneta, tentar o golpe! Somos tão differentes dos outros...

Manhã de gloria

(FIM)

estréa de uma grande peça em New York, peça essa que era o mais ambicionado esforço de ambos.

No ultimo momento, Rita Vermon, a estrella, pára os ensaios com um ultimatum, no qual exige um salario exhorbitante. Si a sua exigencia não fosse attendida ella não representaria.

E' quando Sheridan se lembra de Eva Lovelace e persuade Easton que deixe a pequena tomar conta do principal papel. Elle tinha tanta confiança nas aptidões artisticas de Eva que a contractou, sob sua propria responsabilidade para substituir a estrella ameaçadora.

Então, Eva inspirada pela confiança de Joe, comprehende emfim o seu amor desinteressado e acceita a proposta.

Um grande successo corôa o espectaculo. O triumpho de Eva é notavel.

Ganha a batalha que travara pela gloria, comprehendendo o que para ella significa a ajuda de Sheridan e que tambem o ama, Eva torna-se a esposa do escriptor.

Psycho-analyse das estrellas

(FIM)

numa festa, em casa, o galope é o mesmo. Sempre esbaforida e offegante. O complexo da velocidade deriva muitas vezes do medo sub-consciente de se perder alguma coisa, de não se estar á hora certa no logar onde se devia estar...

Dorothea Wieck tem um modo de apertar a mão dos outros que faz lembrar o Walter Huston. A victima, se usa annel, fica semanas e semanas com a marca do metal na carne. Psychologicamente, é o gesto duma pessoa affectuosa, mas timida, que quer fazer amigos muito depressa...

Haroldo Lloyd, quando conversa, seja sobre que assumpto fôr, não cessa de rir e de sorrir. E' comico de nascença.

Mary Pickford é sempre vista com uma flôr, ou duas, na mão. Carregar objectos, dizem os psychologos, allivia da preoccupação das mãos e da propria pessoa.

Douglas Fairbanks, pae, quando estava com visitas, começava ás cambalhotas e aos pulos por cima dos moveis. Queria provar que ainda era moço e agil, apesar de já ter um filho crescido...

Cary Cooper fala muito baixo. A gente tem que lhe perguntar a toda a hora: "Que é que você disse? Que é que você disse?. Apesar do verniz da "sophistication", é ainda um timido.

Mirian Hopkins é outra apressada. Quando caminha, tira constantemente o cabello dos olhos. Para ver melhor, naturalmente...

Os tiques têm todos a sua significação. São pequenas chaves que abrem a fechadura da alma. Arranjemos um molho dellas e saiamos pelo vasto mundo!

A palavra dos comicos sobre a crise Cinematographica

(FIM)

importancia. São as creanças que arrastam as familias para os Cinemas. Com excepção de alguns desenhos animados, pequenas comedias e outros Films isolados, Hollywood não produz nada especialmente destinado ás creanças.

"Noutros tempos, tivemos grandes comicos que, por assim dizer, faziam parte da vida da creança. Actualmente, porém, a industria parece que não se esforça por fazer grandes comicos. Na verdade, o material de comedia é um pouco difficil de obter. Para provocar a gargalhada é preciso ter inspiração. Mas, numa industria tão vasta como esta e que tão grandes difficuldades já venceu, tudo é possivel, desde o momento que se pense em trabalhar com sinceridade.

"Talvez a explicação para a escassez de boas comedias resida no facto de os Studios se atirarem a todos os generos Cinematographicos, sem se especializarem devidamente em nenhum. Jornaes, dramas, comedias, desenhos, "travelogues", produz-se de tudo, a trouxe-mouxe. Qual é o resultado? Comedias funebres, dramas humoristicos e dores de cabeça dos bilheteiros.

"A producção de comedias requer um poder orientador — um homem que tenha uma idéa e que a possa explorar, sem a interferencia de interesses financeiros, que fazem sempre mais questão da quantidade do que da qualidade. As grandes companhias mataram a individualidade artistica. Não é possivel metter massa suppostamente humoristica numa grande machina e ver sahir uma comedia já prompta pelo outro lado. Precisamos urgentemente de especialistas em comedias que entendam bem do seu officio.

"Como seria admiravel poder organizar programmas em que figurassem equilibradamente as producções especializadas de cada Studio!"

Oliver Hardy e Stan Laurel, o Gordo e o Magro, tambem metteram a colher na questão, achando que uma das mais importantes causas da crise é a falta de confiança do publico na palavra dos empresarios.

Os annuncios podem dizer que tal Film tem scenas ultra-dramaticas, episodios ultra-patheticos, pormenores comicos de subidissimo quilate e mais o resto dos ingredientes que a gente exige numa fita boa, mas o publico já não acredita. Como acreditar, se todos os dias lhe impingem as maiores porcarias, com o rotulo de maravilhas e assombros de arte?

"Os productores fazem mal em exaggerar os meritos dum Film. Ganham numa pellicula, mas perdem o dobro em outra. O publico já não tem fé em annuncios. E' tratar agora, antes de mais nada, de readquirir a confiança dos "fans", moderando e moralizando a publicidade. Nada de mentiras.

Não é possivel que todos os Films sejam "a producção mais formidavel do anno". O Abrahão Lincoln disse uma vez que não se pode enganar os outros toda a vida.

Naturalmente.

"A industria tambem soffre da mania das falsas economias. Os "extras" recebem uma ninharia; para poupar alguns dollars, entregam-se pontas importantes a artistas incompetentes, e, quando alguem se atreve a dizer qualquer coisa, os productores gritam que são contra "desperdicios".

"E' uma coisa muito commoda attribuir á crise em geral o mau bocado que o Cinema atravessa, mas como explicar a falta de organização verdadeiramente commercial, a mania das coisinhas pequeninas e a bemdita estupidez que parece imperar por toda a parte? A missão dos productores é fazer bons Films e *não exhibil-os*. E' a tal historia! Panella em que muitos mexem...

"No dia em que os productores se resolverem a fazer apenas Films, bons Films; no dia em que se resolverem a acabar com certas maluquices, a maior parte dos problemas que actualmente defrontam a industria estarão por si mesmos resolvidos".

Faltava falar o famoso Jimy Durante Narigão.

— Vocês querem mesmo que lhes sopre qualquer coisa sobre a crise? Lá vae! Por que é, por exemplo, que não se faz maior numero de Films com a minha pessoa dentro? Eu queria trabalhar com a Garbo, mas tenho muitos inimigos. Ha uma forte corrente contra mim e por isso é que não me deixam representar com a Garbo, coitada, tão camarada!

"E mais! Pergunto eu: por que é que o actor comico nunca se casa com a heroina? Heim? Por que é que o heróe sobe ao céo, cheio de vento e o Durante cahe ao chão a toda a hora? E' preciso acabar com semelhante vergonheira! O heroe tem "papá", porque usa as roupinhas melhorzinhas, pode mostrar a elegancia e a plastica, ao passo que o Durante anda sempre com umas farpelas vagabundas, com uns ternos que parecem herdados de defunto muito maior e que desmoralizam completamente um artista! Sou obrigado a dizer: ora sebo!, porque, pelo que eu estou vendo, o Studio scismou que não hei de provar que tambem tenho "sex-appeal" como todo o mundo!

"Quanto ao publico, apenas direi estas tres palavras fataes: está sendo vergonhosamente tapeado! As comicas têm uma porção de coisas muito engraçadas, mas muito, mesmo muito engraçadas... Só não têm uma coisa: scenas comicas, e ahi é que a porca torce o rabo, porque as comicas podem ser muito engraçadas, mas não tendo scenas comicas, fica tudo uma porcaria sem graça nenhuma! Tanto assim que nós, actores comicos, até já resolvemos convocar uma reunião secreta para sabermos que providencias se devem tomar. E mais! Não é serio mostrar as rugas dos actores comicos, ao passo que os "mocinhos" alguns mais velhos do que eu, lambusam a cara á vontade do corpo para fingir meninice. Mas esperem! Esperem, que vamos tomar as nossas providencias!"

Se Hollywood se désse ao trabalho de ouvir estes comicos com attenção, as coisas não poderiam deixar de entrar nos eixos!

QUEM FOI LILYAN TASHMAN

(Continuação)

A ascenção de Lilyan foi rapida na cidade do Cinema. Ella tinha predicados de sobra para triumphar: intelligentissima, culta, social, distinctissima. Com a sua morte, Hollywood viu desapparecer um dos seus maiores orgulhos.

Um dos traços interessantes do seu caracter era a sua vontade extraordinaria, não descançava emquanto não conseguia o que desejava.

Si ella quizesse a lua... na certa, ella a teria á noite, servida numa baixela de prata — ou mais cedo ainda...

Lilyan devia ser parenta de Salomé, aquella que quiz a cabeça de S. João Baptista. E obteve-a, dansando.

Lil para obter o que quiz, tambem teve que dansar, dansar, dansar... Cantar tambem. E esmurrar muitos empresarios confiados...

Mas conseguiu o premio, é logico mais a fama e o successo.

Tinha um apurado "sense of humor", que lhe permittia rir de qualquer situação difficil.

Elegante, cheia de pose, distincta de maneiras, manejando um irresistivel e "sophisticated" espirito, com idéas decisivas definindo uma perfeita personalidade, eis quem era aquella mulher "vampiro" de tantos Films.

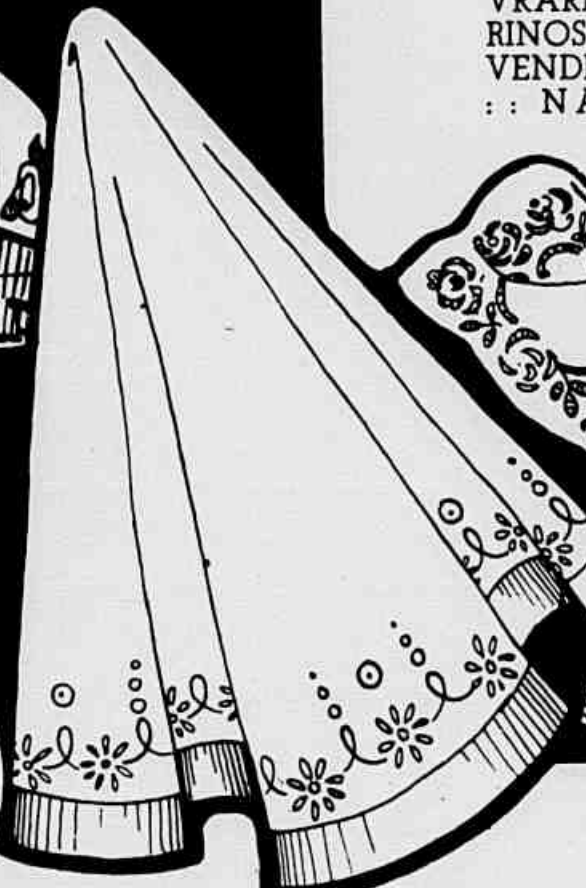
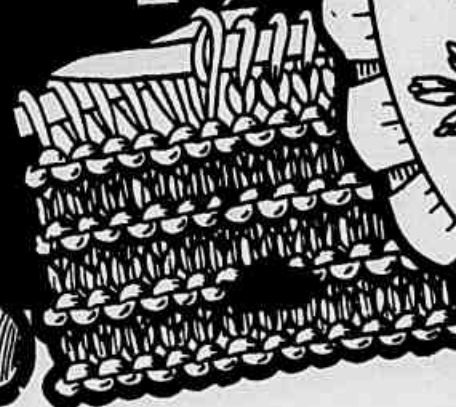
Considerando-se o facto de que Rafael Kirschner declarou serem as pernas de Lilyan, as mais bellas de todo o mundo, e outras artistas, por sua vez, terem louvado a perfeição de suas mãos, suas espaduas, seus pés, seus olhos — não ha duvida que Lilyan era uma belleza authentica.

Durante o tempo em que foi o "glamour" do palco de Ziegfield, Lilyan tornou-se uma figura familiar aos centros elegantes de New York — uma favorita não sómente por sua belleza, mas por seu espirito, sua sinceridade e sua personalidade.

O repertorio Cinematographico de Lilyan Tashman é enorme. Trabalhou em cerca de desezete fabricas. Já falamos em alguns dos seus Films, no decorrer deste artigo.

Vamos citar os outros: "Corações amantes", com John Bowers, da extincta Producers Distribuiting; "Amor por mãos caminhos", da Metropolitan, com H. B. Warner, Lilyan Rich e John Bowers; "Cegueira do amor", da M. G. M., com Pauline Starke e Antonio Moreno; "Casamento mal parado", da Producers, com Leatrice Joy e Clive Brook; "Paris é assim", com Monte Blue e Patsy Ruth Miller, uma das mais deliciosas comedias de Lubitsch, no tempo em que a Warner Bros era a "classic of the screen" e estava no Sunset Boulevard; "Dominada pela vaidade", da Ass. Exhibitors, com Peggy Hopkins Joyce, a campeã do divorcio e companheira de Lilyan nos tempos do "Follies"; "Dont Tell the Wife", da Warner; "De casaca e luva branca", com Adolphe Menjou, da Paramount; "A dama das camelias", com Norma Talmadge, da United", "Maitre d'Hotel", da First National, com Lewis Stone; "Indifferença de mulher", da Gothan; "Quando o amor quer", da First National, com Billie Dove; "Texas Steer", da F. B. O.; "Tactica de amor", com H. B. Warner, Lois Wilson e Clive Brook, da First National; "Lady Raffles", da Columbia, com Estelle, Taylor; "O erro de Madame", da Pathé — De Mille, com Irene Rich e Warner Baxter; "Me leva prá casa", da Paramount, com Bebe Daniels e Neil Hamiton; "Um Cocktail americano", com Paul Lukas, Nancy Carroll e Richard Arlen, da Paramount; "Coristas seductoras", com Matt Moore, da Universal; "Coração amoroso", da F. B. O., com Sally O' Neil; "O julgamento de Mary Dugan", da M. G. M., com Norma Shearer e Lewis Stone; "Attracção do alheio" da Columbia, com Bert Lytell; "Amante de emoções", da United, com Ronald Colman; "As mordedoras", da Warner Bros, que Lilyan interpretou no palco, assumpto que "Cavadoras de ouro" reviveu e nos tempos silenciosos já tinhamos visto da propria Warner, com o titulo "El-Rei Dinheiro"...; "Orphãos do divorcio", da Paramount, com Frederic March e Mary Brian; "No No Nanette", da Firs National, com Bernice Claire e Alexander Gray; "Bancando o Lord", da United, com Hany Richman; "Noites de New York", com Norma Talmadge, da United; "Provando a sua correcção", da Fox, onde Lily trabalhou com o rival do Sargento Quirt o capitão Flagg, Victor Mc Laglen; "Matrimonial Bea", da Warner, com Frank Fay, o marido de Barbara Stanwyck; "Leathernecking", da RKO com Irene Dunne; "Meia noite em ponto", da Universal, com Helen Twelvetrees; "Uma noite sublime", da United, com Evelyn Laye; "Millie", com Joan Blondell e Helen Twelvetrees, da RKO; "Divertindo Paris", com Regis Toomey e Zasu Pitts, da Paramount; "Mad Parade", da Paramount, com Evelyn Brent, Irene Rich, June Clyde e outros; "Up Pops the Devil", da Paramount; "Crime á hora certa", da Paramount, com Regis Toomey, William Boyd, Ilving Pichet, o Film onde foi mais cynica do que nunca e tambem... mais linda. Formosissima! "Road To Reno", da Paramount, com Charles Rogers, Peggy Shannon, Willian Boyd, Irving Pichell, Wynne Gibson; "Prá que casar?", da Paramount, com Kay Francis, um dos seus Films mais divertidos e a mais linda "golddiggers" que Lilyan fez no Cinema...; "Wiser Sex", da Paramount, com Claudette Colbert e Franchot Tone, na sua estréa no Cinema; "Those We Love", da World Wide, com Mary Astor; "Alvorada rubra", da First National, com Nancy Carroll e Douglas Fairbanks Jr.; e "Lady's Mary Lover", da M. G. M., o mais recente Film de Norma Shearer com Herbert Marchall. Tambem trabalhou no Film de Chadwick — "Wine Women and Song", com Lew Cody e Bob Arnst, a interessante esposa divorciada de Weismuller que vimos ha pouco, em "Vozes do coração".

(Continúa no proximo numero)

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR"
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR. PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVÁMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO, TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JÁ PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO ENCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ.
PEDIDOS DO INTERIOR
Snr. Gerente de ARTE DE BORDAR — Caixa Postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34-Rio
Pedidos sob registro
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
16$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.
PREÇO
2$

Uma Verdadeira Joia!

Annuario das Senhoras

contendo, em suas bellissimas paginas em rotogravura, um milhão de assumptos para mulher e para o lar.

Modas, Bordados, Crochet, Tricots, Decoração e arranjos da casa, Assumptos de Belleza, Receitas Culinarias, Penteados, Musica, Arte, Poesia, Contos, Novellas, Dialogos, Litteratura, Illustrações, Sport, Cinema, Chiromancia, Adornos em geral, Conselhos ás Mães e ás jovens, e uma infindavel quantidade de suggestivos assumptos que interessarão a todos os espiritos femininos.

Uma verdadeira joia

E' portanto, o "Annuario das Senhoras", que contém perto de 400 paginas, em rotogravura, rica, artisticamente illustradas e uma magnifica encadernação.

Annuario das Senhoras

Já á venda em todos os vendedores de jornaes e revistas e em todas as livrarias e casas de figurinos do Brasil. Pedidos á Empresa Editora de Moda e Bordado ou S. A. O MALHO, Travessa Ouvidor, 34 — Rio. Preço sem augmento para remessas para o interior do Brasil — 6$000 cada exemplar.